

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE HISTÓRIA

ISADORA GALVÃO DA SILVA

MITOLOGIA COMPARADA: Um Estudo sobre os Mitos Cosmogônicos em a
***Teogonia e Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo e o *Enuma Elish* Babilônico (séculos**
XIII – VI a.C.)

São Luís – MA

2022

ISADORA GALVÃO DA SILVA

MITOLOGIA COMPARADA: Um Estudo sobre os Mitos Cosmogônicos em a *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo e o *Enuma Elish* Babilônico (séculos XIII – VI a.C.)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para Obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúvia Bonfim Vieira.

São Luís

2022

Silva, Isadora Galvão da.

Mitologia comparada: Um estudo sobre os mitos cosmogônicos em a teogonia e os trabalhos e os dias de Hesíodo e o Enuma Elish Babilônico (séculos XIII – VI a.C.). / Isadora Galvão da Silva. – São Luís, 2022.

87 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Profa. Dra. Ana Livia Bonfim Vieira.

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

Para minha mãe, Célia. Com todo amor, carinho e gratidão.

ISADORA GALVÃO DA SILVA

MITOLOGIA COMPARADA: Um Estudo sobre os Mitos Cosmogônicos em a *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo e o *Enuma Elish* Babilônico (séculos XIII – VI a.C.)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para Obtenção do grau de licenciatura em História.

Aprovado em: 22/12/ 2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Livia Bonfim Vieira (Orientadora)

Doutora em História Social

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Prof. Dr. José Henrique de Paulo Borrhalho

Doutor em História Social

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Prof. Dr. Marcos Vinicius

Doutor em História Social

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 Capítulo: A POESIA HESIÓDICA E O MUNDO GREGO NO SÉC. VIII a.C.	14
1.1 O Mundo de Hesíodo	14
1.2 Diferenças com a Tradição Homérica	19
1.3 A Questão Homérica: fontes para a poesia grega?	22
1.4 Uma poesia inspirada pelas Musas: a <i>Teogonia</i> e os <i>Trabalhos e os Dias</i>	26
2 Capítulo: O ENUMA ELISH E O PAPEL DOS MITOS COSMOGÔNICOS NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO	31
2.1 Contexto Histórico	32
2.2 O Enuma Elish e outros Mitos Cosmogônicos.....	36
2.3 O Épico de Gilgamesh: Descoberta Revolucionária	40
2.4 Mitos sobre o Dilúvio e Submundo na Tradição Mesopotâmica	46
3 Capítulo: OS MITOS DE CRIAÇÃO E O “PARALELO COM O ORIENTE PRÓXIMO”	52
3.1 Mitologia: Ciência de uma Mentalidade Coletiva.....	52
3.2 O Método Comparativo.....	57
3.3 O Paralelo com o Oriente Próximo	63
3.4 Teorias de Influência e Transmissão Cultural	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84

RESUMO

O presente trabalho propõe apresentar evidências das interações culturais no mundo antigo por meio dos relatos míticos de criação apresentados principalmente na *Teogonia* e em *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, poemas que tratam da criação do mundo e nascimento dos deuses gregos, bem como nos textos homéricos e nos relatos de criação assírio babilônicos, como o grande épico da criação babilônico o *Enuma Elish*. O objetivo deste estudo é contribuir com a desmistificação da ideia muito aceita e difundida de que a civilização grega clássica era imune a qualquer tipo de correspondente cultural com o Oriente Próximo, este sendo visto como “bárbaro” desde a antiguidade até os dias atuais. Nas últimas décadas os estudiosos da religião grega vêm tentando mudar esse paradigma com a questão da “Religião Grega e o Antigo Oriente Próximo”. A partir desses estudos e da perspectiva comparativa pretendemos mostrar que a sociedade grega manteve contatos nos mais diferentes moldes com sociedades do Mediterrâneo Oriental, contato esse que se torna visível na sua literatura Épica.

Palavras-chave: Teogonia, Hesíodo, Enuma Elish, Oriente Próximo, Mitologia Comparada.

ABSTRACT

The present work proposes to present evidence of cultural interactions in the ancient world through the mythical accounts of creations presented mainly in *Theogony* and in the *Works and Days* by Hesiod, poems that deal with the creation of the world and the birth of the Greek gods, as well Babylonian creation epic, *Enuma Elish*. The aim of this study is to contribute to the demystification of the widely accepted and widespread idea that classical Greek civilization was immune to any kind of cultural correspondence with the Near East, which has been seen as “barbarian” from antiquity to the present day. In recent decades, scholars of Greek religion have been trying to change this paradigm with the question of “Greek Religion and the Ancient Near East”. From these studies and from a comparative perspective, we intend to show that Greek society maintained contacts in the most different ways with Eastern Mediterranean societies, contact that becomes visible in Greek Epic Literature.

Keywords: Theogony, Hesiod, Enuma Elish, Near East, Comparative Mythology.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso, *MITOLOGIA COMPARADA: Um Estudo sobre os Mitos Cosmogônicos em a Teogonia e Os Trabalhos e os Dias de Hesíodo e o Enuma Elish Babilônico (séculos XIII – VI a.C.)* analisa o relacionamento histórico entre a literatura grega e as Mitologias do Antigo Oriente Próximo. Para realizar esse Estudo, nos debruçamos sobre a obra do poeta grego do século VIII a.C. Hesíodo, bem como no poema de criação babilônico, o *Enuma Elish*, cuja versão mais conhecida data do século VII a.C., porém sua criação remonta entre os séculos XIII-XII a.C.

A problemática da “Religião Grega e o Paralelo com o Oriente Próximo” se configura como uma Nova Questão Homérica nos Estudos Clássicos. No centro dessa questão está a hipótese de influência cultural. Durante muito tempo acreditou-se que a Grécia seria o berço da civilização. “O milagre grego” foi tomado pelos estudiosos para explicar o brilhantismo do mundo helênico e também uma forma de estabelecer uma origem para muito do que hoje estabelecemos como características da nossa civilização ocidental. Por outro lado, tudo que fosse relacionado ao Oriente Próximo era visto como “bárbaro” e exótico. Assim, era quase impossível acreditar que os gregos tivessem sido influenciados por outras sociedades.

Quando analisamos atentamente os conceitos fundamentais da *Teogonia* de Hesíodo ou outros poemas da tradição literária grega em conjunto com fontes orientais mais antigas, percebemos que muitos elementos não são “essencialmente gregos”. Várias culturas orientais tiveram suas próprias religiões e mitos de criação, e as semelhanças entre elas e a Épica Grega são impressionantes. Porém, é importante atentar para o fato de que similaridades nas narrativas não implicam necessariamente em influência cultural, a questão se torna muito mais complexa.

Existem muitos relatos míticos semelhantes entre culturas que não mantiveram contato entre si, mostrando assim a possibilidade de terem tido desenvolvimentos independentes, mas, “Sua presença em outros lugares não exclui necessariamente a possibilidade de eles serem resultado de influência cultural. Como alguns classicistas tem

apontado, a influência do Oriente Próximo é a mais provável explicação para alguns elementos (NOEGEL, 2006, p. 21, tradução nossa¹).

A origem da Mitologia Grega tem encorajado uma série de debates entre os estudiosos desde a segunda metade do século XX, período que corresponde ao início desse novo campo de estudos. Enquanto que as aparentes similaridades sugerem que as sociedades pré-homéricas do Egeu tiveram um extenso contato com o Oriente Próximo, particularmente a Anatólia e a ilha de Eubeia, o número de questões têm surgido para legitimar que os mitos gregos derivam parcialmente de material vindo das antigas sociedades do Oriente Próximo.

Tomamos como fontes centrais as obras *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias* do poeta grego Hesíodo e o *Enuma Elish* babilônico, porém além desses trabalhos e para uma melhor compreensão da Literatura e Mitologia dos gregos antigos, também foi de fundamental importância os poemas homéricos *Ilíada* e *Odisseia*, também datados do século VIII. Para traçar um quadro ainda mais amplo de paralelos, utilizamos ainda do *Épico de Gilgamesh*, versão de Sin-Léqi-unnínni do século XIII a.C.

A *Teogonia*, atribuída ao poeta Hesíodo e escrita por volta do século VIII a.C. é um dos textos fundamentais da literatura Ocidental. Narrado em forma de poesia, ele conta sobre a criação do mundo e dos deuses segundo a visão de mundo grega. Pertence incontestavelmente ao período arcaico, época em que a maioria das regiões gregas não detinham o conhecimento da escrita. A *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*, bem como os poemas épicos, *Ilíada* e *Odisseia* de Homero foram compostos e transmitidos oralmente por muitas gerações até serem escritos, quando da introdução do alfabeto Fenício no final da Época Arcaica.

Hoje, a maioria dos estudiosos consideram que o poema pertence incontestavelmente à composição oral e que também ele foi ditado pelo Aedo² ainda em vida, com o intuito de preservar a tradição mitológica dos gregos, em um período que a escrita havia acabado de ser reintroduzida na Hélade, depois de um período em que ela inexistia na maior parte do território grego:

1 Their presence elsewhere does not necessarily rule out the possibility that they are the result of cultural influence. As some classicists have pointed out, Near Eastern influence is the most likely explanation for some elements.

2 Segundo Jaa Torrano, o Aedo (poeta-cantor) representava o máximo poder de tecnologia da informação, num mundo de pastores, sem ainda o conhecimento do alfabeto ou da Pólis ele transmitia toda a visão de mundo e consciência histórica que era conservada pelo canto do poeta (2015, p.16).

Na Grécia, os séculos VIII-VII a.C. testemunharam a germinação ou transplante de instituições sociais e culturais cujo florescimento ulterior transmutaria revolucionariamente as condições, fundamentos e pontos de referência da existência humana: a polis, o alfabeto e a moeda. No entanto, a poesia de Hesíodo é anterior ao florescimento dessas três invenções catastróficas e ainda, que já tenha sido escrita ao ser composta, toda ela se orienta e vigora dentro das dimensões anteriores às condições paulatinamente trazidas por essas três. (TORRANO, 1995, p. 10).

Os *Trabalhos e os Dias* possui uma estrutura um tanto diferente do seu predecessor, pois aqui, não se trata apenas de uma narrativa etiológica, mas principalmente uma série de conselhos de ordem moral que o poeta reuniu para seu irmão Perses, devido uma querela sobre a herança paterna. Em seu discurso, Hesíodo procura mostrar como o homem adquire honra através do Trabalho e do esforço, enquanto narra pela primeira vez na Literatura grega o Mito das Cinco Eras e o surgimento da primeira mulher, Pandora.

É importante salientar que estamos tratando de poemas com uma temporalidade, localização geográfica e tradição bastante diferentes, o que levanta dúvidas sobre o recorte e as escolhas feitas para esse trabalho. A proposta nada mais é do que mostrar que a tradição literária do Oriente Próximo, muito antiga obteve uma difusão bastante significativa ao longo de centenas de anos. Poemas como o *Épico de Gilgamesh* foram encontrados em diversas sociedades, em diferentes sistemas de escrita por todo o Oriente Próximo e as explicações são muitas sobre as “pontes culturais” que possibilitaram o contato com os gregos, seja os Fenícios, a Ilha de Eubeia, o comércio com Ugarit ou a Anatólia, teorias essas que vamos abordar ao longo do Trabalho.

Para mostrar essas evidências a partir da Literatura escolhemos o poema de criação Babilônico, o *Enuma Elish*. A obra se configura como um grande épico e é a história da criação do Universo e dos homens segundo a visão mesopotâmica. Assim como a *Teogonia*, que exalta a figura de Zeus como deus principal do panteão grego, o *Enuma Elish* também serve como justificativa da supremacia do deus Marduk, que derrotou Tiamat, uma das divindades originais e torna-se assim rei dos deuses.

Ao longo dessa pesquisa nos dedicamos a diversas leituras, as quais destacamos a seguir as principais. A fim de entendermos e nos aprofundar no conceito e no desenvolvimento de uma Ciência dos Mitos, utilizamos autores como Walter Burkert (1991), Marcel Detienne (1992) e K.K Ruthven (2010). Livros que trazem algumas

discussões sobre o histórico do estudo dos mitos e assim ter um panorama geral sobre o estudo da mitologia e mais precisamente sobre a mitologia comparada.

Para uma melhor compreensão sobre o contexto histórico do Antigo Oriente Próximo e das inúmeras sociedades que a comporiam através dos séculos, buscando principalmente informações sobre sua religiosidade, fizemos uso de autores como Jean Bottéro (2011), Mario Liverani (2020) e Paul Kriwaczek (2018).

Os estudos sobre o pensamento mítico e religioso grego se baseiam nos seguintes autores: Moses Finley (1982), Pierre Grimal (2019) Jean Pierre Vernant (2000;2009). Sendo extremamente importante a obra de Martin West *The East Face of Helicon*³ (A face oriental do Helicon em tradução livre, 2003.), e Walter Burkert (1992), que traçam paralelos e semelhanças entre as narrativas mitológicas da Grécia Antiga e do Oriente Próximo.

Seguindo a linha de traçar paralelos entre os diferentes poemas criamos e adaptamos quadros comparativos que organizam os dados coletados durante a escrita do Trabalho para melhor visualizar as similaridades entre as narrativas míticas, mostrando assim evidências de influência cultural. Fazendo o levantamento dessas narrativas em ambas as sociedades, grega e assírio-babilônica.

O **Primeiro capítulo** funciona como nosso ponto de partida baseado na Literatura grega. Esse se trata, antes de mais nada, de um trabalho voltado a compreender melhor a Literatura e o pensamento grego. Através de um estudo atento da poesia hesiódica e das possíveis fontes de inspiração do poeta objetivamos entender um pouco sobre como os poemas foram compostos, quais eram suas reais funções e despir a Literatura grega de qualquer individualismo exagerado, já que sabemos que no mundo antigo as sociedades estavam intrinsecamente conectadas pelos mais diferentes contatos culturais, políticos e sociais.

Nele, nos centramos na figura de Hesíodo, poeta que, assim como Homero, não sabemos se de fato existiu, mas pelo qual se criou um culto e uma tradição por toda a Grécia de igual prestígio. O mundo que Hesíodo teria supostamente vivido indica muito dos valores presentes em seus poemas, um mundo de pastores, dominado pelo saber dos aedos e pautado em uma vida de trabalho. Aqui Hesíodo inaugura uma moral bastante

³ O título faz referência ao monte Hélicon, localizado na Grécia e conhecido por ser o local onde os poetas (aedos) recebiam a inspiração das deusas musas. Hesíodo, poeta grego do século VIII a.C. teria escrito a Teogonia no Monte Hélicon, segundo a Tradição.

diferente da moral heróica presente nos poemas de Homero, notadamente, a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Neste capítulo também tratamos sobre a introdução do alfabeto, da moeda e da Pólis durante a Grécia Arcaica e de como esses elementos transformam para sempre a maneira como olhamos para a Grécia. Para nós é interessante notar que a introdução do alfabeto é o principal fator que possibilita a escrita dos poemas Épicos gregos, já que, até então, eram transmitidos unicamente pela tradição oral.

Abordamos as diferenças entre a poesia Hesiódica e a poesia Homérica, pois qualquer estudo sobre a Literatura Grega não se faria completo sem uma menção à Homero e seus Épicos heróicos, que contrastam de forma notável com a *Teogonia* e os *Trabalhos e os Dias*. É aqui também que introduzimos a “questão do paralelo com o Oriente Próximo”, visto como um novo campo da chamada Questão Homérica. Por fim, traçamos um comentário aos principais elementos e interpretações presentes na *Teogonia* e *Trabalhos e os Dias*.

O **segundo capítulo** é dedicado a abordar o aspecto literário do Oriente Próximo, focando no poema de criação, *Enuma Elish*. Primeiramente tratamos de traçar um contexto histórico, político e cultural do Oriente Próximo, para, em seguida, adentrar naquilo que mais nos interessa, o aspecto religioso e mitológico. Sabemos que o *Enuma Elish* é produto de uma série de empréstimos e sincretismos das várias tradições mitológicas presentes na Mesopotâmia antes do estabelecimento do Império Babilônico, com isso, objetivamos identificar quais foram suas fontes, bem como, analisar outros poemas de criação similares presentes no Oeste Asiático Antigo.

Ainda neste capítulo nos sobra espaço para discutir o papel e importância do *Épico de Gilgamesh* para o campo da Mitologia Comparada e suas contribuições para a nossa temática de pesquisa em particular, pois, desde a sua descoberta no século XIX foram identificados vários paralelos com a poesia homérica. Fechamos a discussão com um comentário sobre os *Mitos sobre o Dilúvio* e sobre a *Nekuia* (viagem mitológica ao mundo dos mortos) no Antigo Oriente Próximo e suas reverberações na Literatura Grega.

Por fim, o **terceiro capítulo** encerra nossas discussões trazendo uma contextualização sobre o desenvolvimento de uma ciência dos mitos que começa a dar seus primeiros passos no século XIX até o desenvolvimento da Mitologia Comparada. Vale mencionar também a importância e o papel central que tiveram os Mitos de Criação nas sociedades da Antiguidade, presentes em todas as culturas sem exceção, esses mitos compartilham muitas características em comum em sua estrutura e nos levam a muitas

interpretações possíveis sobre o porquê dessas semelhanças. Aqui o foco principal é elencar os mais interessantes paralelos e comparações feitas entre as nossas fontes primárias com os quais nos deparamos ao longo dessa pesquisa, o uso de quadros comparativos nos ajuda a visualizar estruturas que se repetem ao longo de duas ou mais tradições mitológicas. No entanto, essas semelhanças não são meras coincidências, existem várias teorias de Influência Cultural que explicam como os gregos entraram em contato com um rico e vasto repertório cultural de civilizações do Mediterrâneo Oriental.

Ao final deste trabalho, pretendemos ter elucidado um pouco sobre como os poetas ou pelo menos uma tradição mitológica tão complexa como a grega se desenvolveu, não apenas internamente, mas também com influências de fora do seu território e dos mais diversos tipos. Ao fazer isso não compreendemos melhor apenas a Literatura grega como também o rico mosaico mítico/religioso das sociedades orientais, notadamente a Assírio-Babilônica que sobreviveram de forma impressionante durante milhares de anos.

1 Capítulo: A POESIA HESIÓDICA E O MUNDO GREGO NO SÉC. VIII a.C.

O Contexto que trataremos aqui está relacionado com o período da História da Grécia que os estudiosos chamam de *Grécia Arcaica*, uma temporalidade que abrange os séculos VIII – VII a.C., e que traz consigo mudanças significativas para o mundo Grego, tais como a introdução do alfabeto, da moeda e os primeiros elementos que possibilitaram o surgimento da Pólis grega, tão importante no período clássico. Também é o período em que se acredita que foram escritos os grandes poemas épicos gregos, até esse momento transmitidos pela tradição oral desde o período micênico. Aqui vamos analisar a obra e o contexto histórico da época de Hesíodo, notadamente a *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*. Por se tratar de um trabalho de Mitologia Comparada, ou seja, com o propósito de analisar mais de uma variável, este capítulo representa o nosso ponto de partida para entender um pouco das relações mítico/religiosas para os povos antigos. Ao longo do capítulo focamos em analisar a Épica grega, representada pela poesia Homérica e Hesiódica, bem como suas diferenças e também introduzir o tema da Questão do Paralelo com o Oriente Próximo, tema dos próximos capítulos.

1.1 O Mundo de Hesíodo

Hesíodo, juntamente com o poeta grego também do século VIII a.C. Homero são considerados as principais influências na História da Grécia e com as quais os helenos fundamentaram sua cultura. Segundo o historiador grego Heródoto (485-425 a.C.), Homero e Hesíodo deram aos gregos suas divindades.⁴ Eles foram os primeiros a darem uma identidade humana e individual aos deuses do panteão grego, enquanto Hesíodo teria sido o primeiro a conferir aos deuses uma história de origem, ainda que ele fosse posterior a uma tradição Homérica estabelecida.

Antes de Hesíodo não havia essa formulação racional do Mito de Criação grego. Homero se preocupa eminentemente com a narrativa heroica, a realidade dos deuses é uma realidade já posta, estabelecida, não se tem a preocupação de saber quando e como

4 JONES, Peter. A *Ilíada* de Homero. In: **Homero**. *Ilíada*. – 1ª Ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013, p. 18.

aqueles deuses nasceram. Muitos estudiosos, como Vernant, Torrano e Jaeger apontam como a Teogonia foi o primeiro exercício racional de pensar e elaborar uma origem para os deuses e para o mundo, Hesíodo foi, “[...] sem dúvida, o primeiro a situá-las decisivamente no vasto contexto social e filosófico com que aparecem nos seus poemas” (JAEGER, 2013, p.89.).

A identidade desses dois poetas que tanto significaram para a História e a Literatura do mundo grego, porém, não é comprovada, ou seja, o estudioso não tem certeza se eles realmente existiram ou foram criados pelo imaginário helênico para dar autoria aos seus grandes poemas Épicos. Essa informação e seu posterior impacto na história da literatura grega antiga é muito importante, pois influencia diretamente na nossa interpretação dos poemas. Em certa medida, é possível dizer que se criou toda uma disciplina em torno desse único problema da autoria, chamado de *Questão Homérica*.

Hesíodo, segundo a tradição, nasceu na região da Beócia por volta do século VIII a.C. próximo ao Monte Hélicon, conhecido na Literatura grega por ser o lar das deusas Musas, divindades filhas de Zeus e Mnemósine. Na Mitologia grega as Musas são nove e representam, cada uma individualmente um ramo da arte, literatura ou ciência⁵. Elas também forneciam inspiração para os Aedos comporem sua poesia. Era também ao sopé do Monte Hélicon que Hesíodo exercia a atividade de pastor.

A Região da Beócia fica entre os golfos de Eubeia e Corinto, na Grécia Central. Na Antiguidade foi um local de muitas póleis, sendo as mais famosas, Tebas, Plateias e Téspias. Pouco se sabe sobre essa região durante o período Arcaico e o que se sabe é proveniente principalmente de fontes arqueológicas.

A própria obra de Hesíodo, especialmente *Os Trabalhos e os Dias* traz muitas informações pessoais do poeta, que se dirige ao ouvinte muitas vezes na 1ª pessoa, desse modo, sabe-se muito mais sobre ele do que sobre o próprio Homero. Viveu na aldeia de Ascra, (por essa razão ele pode vir a ser chamado também de “O Poeta de Ascra”) sua família, no entanto é proveniente da Ásia Menor, onde seu pai supostamente teria perdido

5 As deusas musas eram: Calíope, Musa da poesia Épica; Clio, da História; Euterpe, da poesia lírica; Melpômene, da tragédia; Terpsícore, da dança e do canto; Erato, da poesia erótica; Polínia, da poesia sacra; Urânia, da Astronomia; e Tália, da comédia. Para ter um panorama detalhado sobre as divindades gregas e suas genealogias ver: **BULFINCH, Thomas. O livro de Ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis.** – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p. 14.

sua fortuna. Jaeger aponta que esse fato causa no *aedo* uma certa falta de pertencimento em relação à Beócia, sentimento esse herdado pelo pai (2013, p. 98.).

Durante o século VII a.C. muitas regiões da Grécia sofreram com a distribuição desigual de Terras, a pobreza aumentava enquanto os aristocratas aumentavam seus domínios e sua mão de obra. Com a escassez de terras foi incentivado uma espécie de colonização Arcaica para o Sul da Itália, porém, regiões da Grécia como Atenas, Argos, Tessália e Beócia conseguiram contornar a crise adentrando ainda mais no interior de seu território.⁶

Logo na abertura da *Teogonia*, ou seja, o próêmio, Hesíodo menciona como as Musas o incitaram a vocação de poeta, “Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas/ por cetro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso/ colhendo-o admirável, e inspiraram-me um canto/ divino para que eu glorie o futuro e o passado (29-32). Os poemas Épicos gregos trazem como característica a marca do próêmio às Musas, ou seja, nas linhas iniciais do poema o *Aedo* exorta as deusas Musas a o darem inspiração para conhecer e cantar mistérios que o poeta sozinho não conseguiria.

Ao poeta são atribuídos dois poemas, o primeiro conhecido como *Teogonia* ou A origem dos deuses, se trata, como o próprio nome sugere, de uma cosmogonia. Isto é, uma história de origem não só dos deuses gregos como também do Universo e tudo que ele contém, traça a genealogia dos deuses gregos desde as divindades primordiais até o estabelecimento do panteão grego olímpico e a exaltação de Zeus como sua principal divindade.

Os Trabalhos e os Dias possui uma estrutura e um propósito bem diferentes da *Teogonia*. Considerado uma das primeiras obras, se não a primeira da Literatura sapiencial, Hesíodo usa a narrativa do Mito de Prometeu e Pandora e o Mito das Cinco Idades para ilustrar para seu irmão Perses, o valor e a honra do Trabalho para os homens e a decadência da justiça como um fator que afastou a humanidade gradualmente dos deuses.

Hesíodo era um *Aedo* e para a sociedade Grega, os *Aedos* (poetas) detinham uma posição privilegiada e de destaque no que diz respeito à tradição, memória e a palavra cantada. Por vezes, sua autoridade e influência era ainda maior do que a dos reis, pois,

6 PEIXOTO, R. Falcheti. Hesíodo e a germinal da Pólis na Grécia. Disponível em: <

nessa sociedade, que até aqui, não conhece o alfabeto, o canto dos *Aedos* é capaz de “ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais” (TORRANO, 1991, p.16) poder esse que lhe é conferido por Mnemosyne através das Musas.

Os séculos VIII e VII a.C. compreendem o chamado Período Arcaico da Grécia, que vai desde o surgimento da primeira criação literária do mundo Ocidental, a *Ilíada* de Homero, em meados do séc. IX ou VIII a.C., até o fim das Guerras Médicas, entre Gregos e Persas em 448 a.C. Esse período, também chamado de Pré-Clássico ou Jônico, trouxe muitas mudanças para o contexto dos povos do mar Egeu, sendo essenciais para a posterior formação da Grécia Clássica no século V a.C.

A introdução do alfabeto possibilitou com que uma rica tradição oral proveniente desde o antigo período micênico grego fosse transplantado para a escrita, data dessa época os primeiros poemas Épicos e escritos da Antiguidade Ocidental, dessa forma, a nomenclatura em si, *arcaica*, diz respeito a algo que nesse momento ainda é prefigurado, está em formação, nesse caso, o pensamento racional e as estruturas da Grécia Clássica, como a Pólis, por exemplo.

A Pólis é um termo grego que significa Cidade. O Estado Políade tal como era entendido pelos gregos antigos surge no século VIII a.C. e atinge o seu auge durante o Período Clássico. O conceito de Pólis pode significar “[...] tanto a comunidade dos cidadãos que formam uma pólis como o conjunto das instituições que o constituem”. Esse fator, que tornava os cidadãos e as instituições partes de um todo comum, provém da concepção organicista que os gregos possuíam do Estado, que é a analogia entre o Estado e um organismo vivo” (ANDRÉ, 2016, p. 30. apud. VECA, 1996, p. 11-12.).

Os primeiros passos em direção ao surgimento da Pólis se tornaram possível devido uma nova reorganização social que substitui a monarquia vigente na maior parte do período micênico por um sistema em que parcelas cada vez maiores da comunidade grega são integradas ao poder político.

Se uma vez houve reis nas comunidades gregas, eles foram logo deixados de lado por um corpo de chefes que consideravam a si mesmos como aristocratas e que compartilhavam poder entre si. Como a comunidade se desenvolveu, houve um aumento no número de homens que detinham terra e que lutavam pela sua comunidade, e que clamavam reconhecimento por isso. Em alguns lugares a superação dessa tensão foi a captura do poder por um tirano, cujo governo enfraqueceu os Aristocratas e cujo exercício do poder e glorificação da comunidade para o qual este poder era exercido fortaleceu o senso de parceria entre os membros da comunidade (MITCHELL; RHODES, 1997, p. 6. Apud. PEIXOTO, 2012, p.4.).

Os estudiosos chamam esse fenômeno de Revolução Estrutural do século VIII a.C.” e está relacionado ao aumento demográfico e às alterações econômicas significativas. O período que o antecede é o chamado Período Geométrico, cuja principal característica é justamente a demanda por Ordem, isto após o colapso da Civilização Micênica, que se estende do século XII até inícios do XI a.C.

O período geométrico também é conhecido por Idade das Trevas grega, nomenclatura ligada a falta de documentos escritos que fez com que durante muito tempo não tivéssemos acesso a quase nenhuma informação sobre ele, logo, o período ficou legado a obscuridade até o advento da Arqueologia na região em décadas recentes.

A falta de documentos escritos está ligada ao desaparecimento da Linear B, forma de escrita utilizada no período minóico e micênico e que desaparece no Período Geométrico, juntamente ao fenômeno da redução populacional e o desaparecimento da figura do *Wanax*, ou seja, alguém que exercia a figura do monarca ou Rei de uma determinada região, acima dele não havia nenhuma autoridade maior e que competisse pelo poder. Durante esse período o *Wanax* é substituído pelo *Basileus*, isto é, um Aristocrata que podia ou não exercer o papel de rei.

Acontece também, em meio a essa conjuntura, mudanças significativas no campo da Arte e Literatura, “[...] ligada não somente à situação interna, mas também à ampliação dos horizontes externos. A renovação dos contatos culturais com o Oriente é registrada no aumento substancial de peças orientais importadas durante o século VIII a.C. (PEIXOTO, 2012, p. 6.)

Foi instituído nesse contexto uma cidadania religiosa baseada no culto heróico ou no culto de uma divindade patrona. Essa característica, que começa a se mostrar na Grécia Arcaica, irá se constituir como um dos principais elementos da vida em sociedade helênica, principalmente a partir do V século a.C. A Religião Cívica dos gregos não conhecia separação entre o domínio religioso, político ou social. Não havia diferenciação entre casta sacerdotal e magistratura. A Religião fazia parte da vida social e a ela estava profundamente vinculada.⁷

7 VERNANT, Pierre. Mito e Religião na Grécia Antiga. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006, p. 13-14.

1.2 Diferenças com a Tradição Homérica

A poesia Épica do Período Arcaico é dominada pela tradição Hesiódica e a ainda mais influente poesia homérica. Homero, poeta Jônio do século VIII a.C e do qual não se sabe quase nada sobre sua vida ou se realmente existiu, embora sete cidades da Antiga Grécia reivindicam ser sua Terra natal. Era conhecido como o “poeta cego” e a seu nome são atribuídos os poemas fundadores da Literatura Ocidental, a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Por ser posterior a Homero é necessário reconhecer a influência e a importância da poética homérica na obra de Hesíodo. Em quase todos os trabalhos envolvendo a Literatura grega desse período se faz presente uma comparação e um reconhecimento das duas tradições como uma forma de compreender a fundo o pensamento literário e mitológico grego, fruto de uma tradição oral centenária que culminou nas duas maiores bases da Religião e Culturas do mundo helênico.

A poesia dos dois *Aedos* se apresenta, em muitos aspectos, como profundamente diferentes. Primeiramente, Homero se dirige a um público que faz parte de uma nobreza guerreira, uma aristocracia. Sua nobreza é baseada na *Areté* heroica. O conceito de *Areté* é muito caro ao pensamento grego e possui difícil conceituação, pois se trata de algo muito antigo, cujas raízes não são muito bem precisas e abrange algo amplo. Para Jaeger, a *Areté* constitui o tema essencial da formação grega:

Tanto em Homero como nos séculos posteriores, o conceito de *areté* é frequentemente usado no seu sentido mais amplo, isto é, não só para designar a excelência humana, como também a superioridade de seres não humanos: a força dos deuses ou a coragem e rapidez dos cavalos de raça. Ao contrário, o homem comum não tem *areté*. [...] A *areté* é o atributo próprio da nobreza. (Jaeger, 2013, p. 24.)

A Honra descrita e visada por Homero é, portanto, baseada na *Areté*, na excelência do herói, “de modo que a vitória e suas recompensas materiais e sociais são as prioridades dos heróis homéricos, sendo *Kléos*, ou seja, a fama que o acompanha para além da morte, sua ambição suprema” (JONES, 2013, p. 13.). Esses dois elementos fundamentam o tema principal da *Ilíada* e da *Odisseia*.

Os Poemas Homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*⁸ foram poemas muito importantes para os gregos antigos, talvez até mais do que sua *Teogonia*, onde é narrado o seu épico da Criação. É na *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, que vemos a presença de todos os valores presentes na sociedade grega, desde o tema da “mutilação dos cadáveres” (tema que aparece no penúltimo canto da *Ilíada*) até a ideia de “hospitalidade grega” um tema muito presente na *Odisseia*.

A *Ilíada* narra um episódio que teria acontecido durante a Guerra de Tróia, um conflito lendário, que se considerarmos como real, teria acontecido por volta do século XII a.C. A *Ilíada* juntamente com a *Odisseia* são poemas que revelam toda uma tradição e cultura gregas, neles se refletem a presença de todos os valores presentes nessa sociedade. Por essa razão é fundamental que quaisquer trabalhos que tenham como temática o estudo da Grécia Arcaica e sua literatura passem pelo reconhecimento da importância dos poemas homéricos.

É um equívoco comum acreditar que a *Ilíada* é um texto sobre a Guerra de Tróia, que traça uma trajetória linear, desde o seu começo com o rapto de Helena até a destruição da cidade de Tróia. Na realidade, o que temos na *Ilíada* é um relato de um acontecimento dentro do conflito, no nono ano da Guerra de Tróia, que durou 51 dias. A partir de um desentendimento entre o herói grego Aquiles e o rei Agamêmnon, em que o herói se recusa a voltar a participar do conflito. Temos como consequência disso, o seu amigo Pátroclo indo para a batalha e sendo morto pelo herói troiano Heitor.

É importante citar que os deuses têm um papel muito importante e suas intromissões no conflito marcam todo o poema, nele, praticamente todo o Olimpo toma partido de um dos lados da guerra. Depois da morte de Pátroclo tem-se início o episódio da “*Cólera de Aquiles*”, este acaba matando Heitor e mutila seu cadáver. O poema encerra então, com o rei Príamo indo buscar o corpo mutilado do filho e fazendo todos os rituais fúnebres necessários.

A *Odisseia*, por outro lado, narra as aventuras do herói Odisseu⁹ e suas tentativas de retornar ao seu reino Ítaca, após o final da Guerra de Tróia. A *Ilíada* é um poema de guerras, e também é uma história onde não há uma clareza de quem é bom e de quem é o

8 As edições utilizadas para este trabalho dos poemas homéricos, *Ilíada* e *Odisseia* se basearam nas traduções de Frederico Lourenço para a Penguin Companhia, se trata de uma tradução em Verso Livre que privilegia o conteúdo em detrimento da sonoridade original. Todas as citações e referências presentes no trabalho das referidas obras ficam a cargo das seguintes edições: **HOMERO**. *Ilíada*. – 1º Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013; **HOMERO**. *Odisseia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

9 Muitas vezes ele pode vir a ser chamado de Ulisses, seu nome latino.

vilão, uma estrutura familiar em nossas histórias atualmente, por essa razão a *Ilíada* pode parecer um texto um tanto indigesto para nós comparado com a *Odisseia*, que, segundo muitos estudiosos apontam, pode ser considerado o precursor dos primeiros romances devido a sua estrutura.

A *Odisseia* é um poema de aventuras, um poema que tem muitas características domésticas, e também, desde o início nós sabemos exatamente quem é vilão (os pretendentes de Penélope), e quem é o herói no poema (Odisseu). A estrutura do poema, no entanto, é mais complicada, pois não segue uma trajetória linear. Dos Cantos¹⁰ I a IV, temos a estrutura da *Telemaquia*, que funciona como uma espécie de “Romance de formação” do filho de Odisseu, Telêmaco. Nessa primeira parte do Poema que se passa em Ítaca, lar de Odisseu, nos é apresentado os antagonistas da história, pretendentes de Penélope, esposa de Odisseu, que depois de vinte anos da ausência de seu marido que foram lutar na Guerra de Tróia, é pressionada para escolher um novo marido.

Com os excessos dos pretendentes, que se encontram acabando com todas as riquezas do palácio, Telêmaco, com a ajuda da deusa Atena, viaja em busca de notícias do pai. Nesse ponto, começa a segunda parte do poema onde nos é contado os *Nostoi* (Retornos), os Retornos de Nestor, Menelau e Agamêmnon respectivamente. No Palácio de Menelau, Telêmaco descobre o que esses três heróis passaram ao fim da Guerra de Tróia e se conseguiram retornar para casa, descobre também que seu pai não está morto, mas que anda vagando pelo mar sem conseguir voltar para casa.

Na trama da *Odisseia* nos é contado ainda a *Saga da Nau de Jasão: O Argo*, um escândalo sexual no Olimpo, envolvendo Afrodite, Ares e Hefesto. Também é na *Odisseia* que temos o relato da contenda de Aquiles e Ulisses e o fim para o conflito de Tróia, onde Odisseu narra sua ideia do Cavalo de madeira e o fim do “Ciclo Troiano”¹¹, para os Feácios, povo que o acolhe no final de sua jornada de volta para casa. Após o *Nostos Integral*, temos enfim o regresso de Odisseu e sua vingança contra os pretendentes.

À primeira vista pode parecer que a *Odisseia* nada mais é do que uma continuação dos temas tratados na *Ilíada*, com suas referências aos acontecimentos anteriores e os mesmos personagens que tendem a aparecer ao longo de toda a obra, porém são duas

10 Os Poemas Homéricos eram divididos em Cantos, a *Ilíada* e a *Odisseia* são divididos em XXIV Cantos cada. Alguns estudiosos apontam que devido a extensão dos poemas, eles não podiam ser escritos no mesmo pergaminho, pois poderiam se partir, cada Canto representava então uma parte do poema que ficava separada em 24 pergaminhos diferentes. Ver: NAQUET, P. Vidal. *O Mundo de Homero*.

11 Complexo conjunto de lendas relacionadas a conquista e destruição da cidade de Tróia por uma coalizão de povos helênicos. Ver: NAQUET, P. Vidal. *O Mundo de Homero*.

obras profundamente diferentes, “trata-se de uma questão de diferença não em termos de habilidade, mas de níveis artísticos. A Odisseia, com seu final feliz, apresenta uma visão romântica da vida. A Ilíada é uma tragédia” (RIEU, 2013, p. 53.)

No centro da Ilíada há o drama do herói semideus Aquiles, filho do mortal Peleu e da deusa Tétis, Aquiles é o maior guerreiro dos contingentes militares que foram para a expedição à Tróia. Aquiles sabe que sua vida é curta e que está destinado a morrer em batalha, porém, sua busca pela glória, a *Kléos* grega, o leva a se afastar do conflito causando o seu próprio infortúnio com a posterior morte de seu melhor amigo, Pátroclo.

A cólera de Aquiles, na realidade, é resultado das próprias escolhas que fez e seu dilema influenciou grande parte da Literatura que veio em seguida. “Aquiles opta por morrer não para obter glória eterna, apesar de esperar que suas façanhas marciais a obtenham, mas porque se considera responsável pela morte de Pátroclo” (JONES, 2013, p. 17)

Os Épicos de Gilgamesh e Atra-Hasis são próximos de Homero, pois contam histórias de heróis, mas Homero adiciona uma dimensão que separa a mitologia grega da tradição trazida da Mesopotâmia. Homero pretendia, com seus poemas, exaltar os feitos de heróis, mais do que dos deuses com os quais eles interagiam. Os deuses estão constantemente em guerra entre eles mesmos. O que os difere dos poemas do Oriente Próximo antigo? Os guerreiros gregos na Ilíada não lutavam por supremacia de poder, mas por *Areté* (honra heróica). Gilgamesh busca imortalidade, há uma diferença fundamental.

Os deuses e imortais para Homero são incapazes de ganhar “*Areté*” porque não podem morrer, e um aspecto da honra para os gregos antigos é o guerreiro ser morto em campo de batalha. Nesse aspecto, os homens têm uma vantagem em relação aos deuses. Homero fornece uma abordagem mais humana para a mitologia, e Hesíodo expande seus temas na Teogonia e nos Trabalhos e os Dias. Na Mitologia grega os deuses possuem as mesmas características que os orientais atribuem aos seus deuses, mas o lugar dos humanos é muito mais significativo e pertinente.

1.3 A Questão Homérica: fontes para a poesia grega?

As diferenças estilísticas entre os dois poemas suscitaram desde a Antiguidade uma série de teorias sobre a suposta autoria dos poemas Homéricos, muitos chegando a

considerar que os poemas foram escritos por pessoas diferentes. Seria o começo da chamada *Questão Homérica*, ou seja, toda tentativa de investigação a respeito da autoria dos poemas homéricos e das fontes que teriam sido utilizadas para compor tais obras. O problema da Questão Homérica se tornou, ao longo do tempo, um dos mais prolíficos campos dos Estudos Clássicos e logo se expandiu para abarcar também o relacionamento dos gregos com os povos do Mediterrâneo Oriental e também para a questão da autoria também em Hesíodo.

Os paralelos existentes entre as tradições mitológicas do Oriente Próximo constituíram, a partir da segunda metade do século XX, como uma nova Questão Homérica.¹² Os estudiosos vêm lidando com o Oriente Próximo desde o Renascimento, mas foi somente no século XIX, que uma nova era se abriu devido ao deciframento dos hieróglifos e da escrita cuneiforme. Em 1872, George Smith acha nos sítios arqueológicas da antiga Suméria o Épico de Gilgamesh, embora uma descoberta muito marcante e importante, a descoberta não chamou tanto a atenção dos Classicistas no que se refere às suas correlações com os poemas épicos gregos, fundadores da cultura Ocidental.

Baseados na complexidade dos poemas homéricos, alguns estudiosos sugerem que talvez, esses trabalhos poderiam unicamente serem compostos em sociedades letradas. Como G.S Kirk ilustra, “na Idade das Trevas grega existiu uma ‘arena internacional’ que incluía muitas culturas letradas”¹³ (Kirk, 1972 p.78) Se Kirk estiver certo, então é inteiramente provável que ocorreu um “comércio intelectual”, mesmo antes que a escrita pudesse chegar à Grécia. Kirk nota que a intrincada ordem usada por Hesíodo na Teogonia, sugere que havia uma tradição literária estabelecida, mesmo que, como sabemos, não havia ainda nesse período.

Muito dessa teoria sobre tradição oral se deve a Milman Parry, que foi mais tarde elaborada por A.B Lord. O feito de Parry foi provar que Homero era mestre e herdeiro de uma tradição de poesia épica oral que remonta a muitas gerações, talvez até mesmo séculos” (KNOX, 2011, p.23). Parry concluiu que o sistema foi desenvolvido para o uso dos poetas orais que improvisavam. Durante a sua pesquisa, ele ficou sabendo, por intermédio de alguns especialistas, que ainda existia improvisadores analfabetos que

12 Em Estudos Clássicos, Questão Homérica é um termo usado para falar de toda questão ou teoria envolvendo a existência de Homero, os problemas envolvendo os poemas homéricos e as influências de outras culturas e sociedades para formar o que hoje conhecemos como Poesia Homérica.

13 The Dark Ages, Greeks existed in an international arena that included many literate cultures.

ainda se apresentavam na antiga Iugoslávia. Ele então foi até lá, para estudar o trabalho desses poetas.

Os inúmeros epítetos na Odisseia e na Ilíada que servem para denominar alguns personagens, eram fórmulas usadas pelos poetas para formar nada mais do que um verso hexâmetro, métrica usada pelos aedos gregos. Dessa forma, por exemplo, o epíteto para Ulisses, “mil ardis” só é usado quando se ajusta a métrica, dessa forma o poeta sempre teria um repertório de epítetos para usar.

Há, desse modo, um aspecto na descoberta de Parry que modificou toda a questão da natureza do texto homérico. O poeta não é, como se acreditava até então, uma pessoa recitando de cor um texto predeterminado. Ele está improvisando com versos conhecidos. E a cada vez que declama o poema pode fazer de uma forma diferente. À medida que cada nova geração de poetas recita o poema, o faz de uma forma nova, pois os valores e a tecnologia mudam e novos epítetos são acrescentados, isso explica também a quantidade de elementos contemporâneos de Homero em um poema cuja origem é tão antiga até mesmo para se precisar.

Baseado nos experimentos de Parry e Lord, foi especulado que em vez de muitas versões orais do poema existindo por dois séculos antes de sua composição, eles foram escritos na mesma época de sua composição, sendo escritos na Grécia muito mais cedo do que se acreditava. Esse debate leva a discussão sobre as fontes que Homero teria utilizado para escrever o poema. Se ele era de fato letrado quando compôs os poemas, então é possível que ele teve fundamental contato com a tradição do Oriente Próximo em sua literatura.

Os trabalhos de Peter Walcot (1966), Walter Burkert (1984) e Martin West (1997), trouxeram o tema para debate entre os estudiosos. A partir desses trabalhos e estudos, ficou claro que as conexões com o Oriente Próximo não podiam mais ser ignoradas. No moderno campo dos Estudos Clássicos, escrever sobre a Literatura Grega sem o mínimo conhecimento de História do Antigo Oriente Próximo é tão impossível como tentar o fazer sem o conhecimento de História ou Literatura Romana (PETRICONI, apud. WEST, 1997. p. 12).

[...] Cada ano se torna mais óbvio que não existe tal coisa como História Grega, como algo distinto da História Romana, ou da História dos Fenícios ou dos Etruscos. Mares unem mais frequentemente do que dividem e os gregos se descobriram gregos quando descobriram os oceanos e os povos que o rodeavam. Não é a Grécia mas o Mar Mediterraneo que possui

uma História e um destino próprio (MURRAY, 1983. apud. FELDMAN, 1996. tradução nossa).¹⁴

Segundo Johanes Haubold, Martin West é vago em sua obra, *The East Face of Helicon* ao que se refere, o que exatamente ele está tentando alcançar e como. Para ele, o método de West consiste em listar paralelos que falam por si mesmos. Para os paralelos e comparações serem realmente válidos e legítimos é preciso que se questione: Até que ponto e como a obra de West afeta a nossa interpretação da literatura grega? O que de fato nos ajuda a entender o paralelo com o Oriente Próximo?¹⁵

Haubold chega à conclusão de que “O sucesso da hipótese do Oriente Próximo não depende meramente da existência de paralelos, mas, principalmente do seu significado” (Osborne, 1993, p. 233-4). Se continuamos elencando paralelos por si mesmos, os paralelos com o Oriente Próximo acabam provando apenas um pouco mais do que o nosso próprio “*Greco-Centrismo*”, além de corrermos o risco de cair em um argumento circular, como por exemplo, a *Ilíada* e o *Épico de Gilgamesh* são épicos heróicos, sendo o segundo o mais antigo do mundo, logo, a *Ilíada* deve ter sido influenciada pelo primeiro.

A Teoria do Arquétipo Religioso ou mitológico coloca uma potencial problemática para a teoria de que parte da mitologia grega deriva de influências orientais. A concepção de Carl Jung do arquétipo religioso argumenta que os humanos são dotados de típicas experiências que são passadas através das gerações. Essas vagas concepções da psique são meros “caminhos” para os indivíduos encontrarem sentido na experiência ou no mito. Nessa teoria, as semelhanças na religião ou nos mitos podem ser explicadas como uma atração inata da imaginação humana para certos arquétipos.

Os humanos naturalmente formam mitos como um caminho para expressar experiências humanas universais. Se esse for o caso, então os gregos e seus mitos podem não ter qualquer relação com os mitos do Oriente Próximo ou de quaisquer outras sociedades. Em vez disso, ambos foram criados a partir do mesmo arquétipo, e os paralelos são meras conexões da nossa imaginação. Os gregos não derivaram suas

14 [...] Each year it becomes more obvious that there is no such thing as Greek history, as distinct from Roman History, or the History of the Phoenicians or the Etruscans. Seas unite more often than they divide, and the Greeks discovered themselves when they discovered their sea and the people which surround it. It is not Greece but the Mediterranean world which possesses a history and a destiny of its own.

15 Aqui ele está se referindo a obra de West, *The East face of Helicon*, mas poderia ser levado em conta qualquer trabalho que visa traçar paralelos entre literatura grega e fontes orientais.

histórias do Oriente Próximo, mas sim formam paradigmas semelhantes por si mesmos. Jung chama isso de arquétipo, e os mitos de “linguagem metafórica da alma”.

Essa teoria não pode ser refutada no que diz respeito aos gregos porque envolve a psicologia humana. É uma questão de crença pessoal, para os estudiosos modernos, se estas histórias foram baseadas, compartilhadas, ou se fazem parte de uma noção inata de quase todas as sociedades. É possível que a noção de Jung de arquétipo possa ajudar a explicar como os gregos puderam facilmente assimilar costumes alheios em sua própria cultura, mas uma prova disso é improvável.

Jung ajuda a explicar como os humanos tendem naturalmente ao divino e ao mitológico, mas ele também abre espaço para a hipótese de interação cultural. Então, assim, o arquétipo é uma possibilidade alternativa para a teoria de que há influências orientais presentes na mitologia grega. A tese de Jung não deixa de ser uma possibilidade, mas há evidências irrefutáveis de que os gregos e sociedades do mediterrâneo oriental, levante e Anatólia tiveram algum tipo de contato durante a Antiguidade.

Na mesma linha da teoria defendida por Jung, o conceito de *Evolução das Religiões* é outro fator a ser considerado. De uma forma geral, a Evolução das religiões segue a tendência do “Darwinismo Social”, aplicando a teoria científica de Darwin a instituições sociais. A teoria postula que as religiões tiveram início nas sociedades primitivas, mas elas se tornaram cada vez mais complexas, assim que essas sociedades ganharam novos níveis de progresso e civilização. Ou seja, durante a Idade das Trevas, a religião grega tinha características primitivas e a partir do período de Homero que a religião se tornou mais complexa. O foco das religiões muda progressivamente, dos fenômenos da natureza à conexão entre a humanidade e as divindades. Ambas as teorias criam significativas dificuldades para a hipótese do Paralelo com o Oriente Próximo, mas nenhuma delas se prova verdadeira ou falsa com evidências.

1.4 Uma poesia inspirada pelas Musas: a *Teogonia* e os *Trabalhos e os Dias*

Os épicos de Homero e Hesíodo, diferem muito dos seus predecessores do Oriente Próximo com a invocação das deusas musas. As Musas, nove filhas de Zeus, oferecem inspiração aos poetas, aos cantores e também para os reis. Enquanto que os Épicos do Oriente Próximo começam já com a história sendo contada, Homero e Hesíodo abriam seus épicos com um breve poema invocando as Musas. A invocação das Musas, especialmente em Homero, significa a introdução de um problema ou crise, a solução então vem através de uma figura que o poema invoca, como por exemplo, Aquiles na Ilíada, ou Ulisses na Odisseia.

O poeta (aedo) não compõe ele mesmo toda a sua poesia, mas são inspirados pelo canto das musas que narram para o aedo concomitantemente que cantam para os deuses no Olimpo. Os artistas são assim, servos de determinadas divindades que patrocinam aquela arte (servidor das deusas musas) e as Musas são o saber que abrange a totalidade e que organiza o mundo:

O poeta tem na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhe é conferido pela Memória (Mnemosyne) através das palavras cantadas (Musas). Fecundada por Zeus Pai, que no panteão hesiódico encarna a justiça e a soberania supremas, a Memória gera e dá a luz as Palavras cantadas, que na língua de memória e do mais alto exercício do poder. (TORRANO, 1995, p. 11)

Quais eram as funções das Musas? As Musas não fazem parte do cotidiano ou do mundo natural, elas lidam com a arte e a imaginação. Até mesmo há uma diferença entre a forma em que são invocadas em Hesíodo e em Homero. Nos poemas Épicos de Homero, as musas tendem a mostrar momentos de crise e de derrota. No entanto, em Hesíodo, as musas estão contando a história de como o mundo e os deuses foram criados. Essa aparente incongruência entre Homero e Hesíodo demonstra que as musas são baseadas em um conceito abstrato.

Hesíodo vai mais além, descrevendo outras divindades abstratas para compor seu quadro da realidade. Ele inclui conceitos como discórdia (constituído a partir do modelo homérico), decepção, vergonha e a mais importante, Justiça.

A Abstração, no pensamento grego, fala de moralidade mais do que de religião Organizada. Assim, divindades abstratas seguem o modelo filosófico de abstração mais do que os deuses principais. Figuras como Thêmis, as Fúrias e Destino, todas existem de certa forma num plano maior que os deuses mais

poderosos. Homens e deuses estão sujeitos a essas divindades abstratas. (KAESSNER, p. 39. tradução nossa)¹⁶

Existe um propósito prático por trás da Mitologia Grega, especialmente quando olhamos para a obra de Hesíodo. *Os Trabalhos e os Dias*, inclui histórias de divindades, mas ele não serve a um propósito meramente religioso ou literário. A história de Prometeu, por exemplo, é uma alegoria explicando a infeliz perda da humanidade. Essa história parece mais um estudo de filosofia do que um aspecto concreto da religião grega. Kaessner chega a citar que, “Hesíodo deveria ser considerado ‘o pai da Filosofia Grega’ devido a sua examinação direta da justiça e do que é correto”¹⁷ (Ibid. p.39. tradução nossa).

Na Grécia Antiga já havia um interesse em Cosmogonia, mas alguns poetas não foram muito além de fazer algumas observações, nas quais direta e indiretamente, derivam da tradição do Antigo Oriente Próximo. Essas observações ainda mostram um modelo no qual a criação é seguida de um modelo de mito genealógico, ou seja, é contado respectivamente logo após a cosmogonia em si, as genealogias de todas as divindades após a criação.

Diferentemente do *Enuma Elish* e do *Gênesis*, o mundo criado por Hesíodo é gradualmente construído “de cima para baixo”, para usar a terminologia de Bremmer (2002, p.7.), O pai de todos os que se seguem é Caos. O gênero de Caos é neutro, como convém para um absoluto começo, apesar disso ele dá origem a Érebo e Noite (linha 123). Em uma passagem posterior do poema, o poeta narra que Caos estava situado entre a Terra e o Tártaro, a mais profunda área do Submundo.

A presença de Caos (Khaos) na Teogonia, assim como de Tártaro foi e ainda é amplamente discutida pelos estudiosos, seriam quatro ou somente três divindades primordiais? Mais uma vez recorremos à tradução e comentários do pesquisador Jaa Torrano, que elucida várias questões sobre o que ele irá chamar de uma “*quádrupla origem da totalidade*” (2015, p 38.).

¹⁶ Abstraction, as a tendency in Greek thought, speaks to morality more than organized religion. Therefore, abstract deities follow the philosophical model of abstraction more directly than the principal gods. Figures such as Dike, the Furies and the Fate all exist in a realm above even the most powerful gods. Men and gods alike are subject to these abstract daimones.

¹⁷ Hesiod should be called the “father of Greek Philosophy” because of his direct examination of justice and propriety.

Vernant e Torrano discordam sobre a presença de Caos no nascimento do mundo grego, ao contrário de Torrano, Vernant não vê a gênese grega como uma quádrupla origem da totalidade, com *Caos*, *Gaia*, *Tártaro* e *Eros*. Caos, nesse caso, seria simplesmente o Abismo do qual surgiria e seria possível a Criação. A seguir temos os versos iniciais da Teogonia (após o Proêmio às Musas), que tratam da Cosmogonia grega a partir da origem de quatro divindades primordiais:

“Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
Dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,
E Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
E Eros: o mais belo entre Deuses imortais,
Solta-se membros dos deuses todos e dos homens todos
Ele doma no peito o espírito e a prudente vontade”.
(116-22)

O surgimento da Terra naturalmente nos lembra Gênesis, em que a Terra já existia, embora sem forma e vazia (Gênesis 1, 2). O papel primitivo da Terra é celebrado nos Hinos Homéricos, como a ‘mãe de tudo’ e a ‘mais antiga’, porém ela não recebe particularmente um culto na Grécia Antiga. Tem-se conhecimento apenas de alguns cultos dedicados a ela. Quase todos os cultos na Grécia eram dedicados para os Olímpianos, pois eles tinham personalidades muito mais desenvolvidas.

A menção a Tártaro é ainda menos explicável, e alguns autores gregos, tais como Platão e Aristóteles até mesmo ignoravam as linhas 118-9, em seus escritos sobre a Cosmogonia grega. Martin West chega a considerar uma possível adição tardia por parte de Hesíodo. Torrano interpreta assim, a menção à Tártaro, “o Tártaro ‘no fundo da terra’ é uma espécie de duplo especular e negativo da Terra e do Céu onde se anula todo sentido de direção e a única possibilidade que se dá é a queda cega, sem fim e sem rumo” (2015, p. 40).

O próximo a ser mencionado por Hesíodo é Eros. Seu lugar aqui prefigura o que ele ocupa para os posteriores poetas e filósofos do mundo grego. Visto posteriormente na mitologia, simplesmente como o filho de Afrodite, muitas vezes retratado como uma criança, cupido dos deuses imortais, aqui ele ocupa um lugar completamente diferente como divindade primordial. Na Teogonia, “Eros é a Potestade que preside à união amorosa, o seu domínio estende-se irresistível sobre deuses e sobre homens. Ele é um desejo de acasalamento que avassala todos os seres, sem que se possa opor-lhe resistência” (TORRANO, 2015, p. 41)

O aparecimento de Eros como um dos quatro elementos da origem do mundo é um fato curioso e único nas cosmogonias do mundo antigo, ao ser nomeado ele faz referência a todos os seres, humanos e deuses que surgiram depois dele, ele também está mais aparentado a Terra e Céu do que à Tártaro e Caos. “De qualquer forma, é notável a invenção de Hesíodo, que não encontra paralelo em nenhuma outra estória de criação no Oriente Próximo” ¹⁸(BREMNER, 2002. p.8).

Os Trabalhos e os Dias é um poema Épico de Hesíodo, assim como a Teogonia, cujos temas centrais do Poema são o Trabalho e a Justiça. É dedicado ao seu irmão Perses, devido uma querela entre irmãos por causa da herança paterna. Nele, Hesíodo se empenha em mostrar para Perses que a honra só é alcançada através do trabalho e também mostra que a justiça é essencial para a humanidade e que a falta da mesma ocasionou o declínio dos seres humanos desde a Era de Ouro.

Um aspecto bastante interessante em *Os Trabalhos e os Dias*, é a narrativa da história da humanidade através das Cinco Eras dos Homens. Hesíodo narra então que desde o princípio da humanidade até seus dias, a humanidade já havia passado por cinco estágios, ou Eras. A primeira, a Era de Ouro, foi um período de convivência entre os humanos e os deuses, na mesma época em que o titã Cronos governava o Olimpo. Nessa época da história humana prevaleceu a paz e a harmonia e os humanos não precisavam trabalhar para se alimentar, pois a terra por si só fornecia comida em abundância. A juventude era mantida até idade muito avançada e quando se morria, era de forma tranquila, e os humanos se tornavam espíritos guardiões sobre a Terra.

Na Idade de Prata, Zeus já era o Rei dos Deuses e os homens viviam cem anos com suas mães e pouco tempo como adultos. É nessa época que nascem os conflitos e a impiedade para com os deuses, em consequência disso, Zeus os destrói. Ao morrerem, os homens se tornavam espíritos no mundo dos mortos. Na Idade do Bronze, os humanos foram criados a partir da madeira dura e revestidos de bronze, assim como as suas ferramentas, os homens também serviam para a Guerra, mas ao final dessa Era são destruídos pelo dilúvio de Deucalião.

A quarta Era é a Heroica, nela não havia nenhum metal característico e registra um avanço humano com os heróis. É nessa época, segundo Hesíodo, que viveu Aquiles e Ulisses, que aconteceu a Guerra da Tróia e os conflitos de Tebas. A última Era equivale

¹⁸ In any case, it is a remarkable invention by Hesiod that finds no parallel in any of the other Ancient Near Eastern creation stories.

ao período em que Hesíodo viveu, a chamada Idade de Ferro. Foi marcada por labuta e miséria. Os homens já não são nobres como antes, mas manipulam com mentiras para parecerem honrados. A maldade, o erro, e a violência são louvados. Não há mais vergonha, nem sequer ajuda dos deuses, implicitamente cabendo aos homens sua conduta moral.

O que nos chama a atenção nesse aspecto das cinco Eras é que ele não é um aspecto original de Hesíodo. Existem exemplos desse tema na Pérsia, Egito e Mesopotâmia, por exemplo, no Atra-Hasis existe um tema similar, onde a história da criação é dividida em cinco eras. O paralelo próximo com a narrativa de Hesíodo, no entanto, vem da Pérsia. Para Hesíodo, 4 das suas 5 Eras são representadas por metais: ouro, prata, bronze e ferro. A história persa *Bahaman Yast* detalha como Zaratustra viu uma árvore com metais em seus ramos: ouro, prata, aço e ferro. Assim como o modelo de Hesíodo, as Cinco Eras persas mostram o caminho da humanidade se tornando cada vez mais inferior e distante dos deuses.

A conclusão a que chegam os estudiosos é que Hesíodo teria originalmente formado um modelo baseado nas primeiras quatro eras, e a Era de Ferro veio depois como última adição. O resultado foi mostrar que a Era de Ferro, marcada por todos os seus males, foi a ausência da justiça.

Hesíodo, usou então as Cinco Eras dos homens para apoiar sua mitologia antropocêntrica. Os mitos do Oriente Próximo foram usados para honrar os deuses ou mostrar o lugar dos deuses no mundo. Mas a mensagem de Hesíodo é que a humanidade é importante para o universo como um todo. A tarefa da humanidade é buscar a justiça e desse modo evitar a injustiça. “Sem a humanidade não haveria justiça, vergonha ou honra [...], portanto, através desses conceitos abstratos o status da humanidade se torna tão importante quanto o dos próprios deuses”¹⁹ (Ibid. p. 41. tradução nossa.)

2 Capítulo : O ENUMA ELISH E O PAPEL DOS MITOS COSMOGÔNICOS NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

¹⁹ Without Mankind, there would be no justice, shame or honor. [...] Therefore, through these abstract concepts, the status of humanity becomes as important as the gods themselves.

2.1 Contexto Histórico

É importante chamar a atenção para o termo Oriente Próximo. Ele é muito amplo, sendo muito genérico, ele abrange muitas culturas através de milhares de anos. Quando falamos do Oriente Próximo aqui, estamos nos referindo a algumas culturas em particular, como por exemplo os babilônios, cananeus e sumérios, que possuem cada um uma história particular, tanto espacial, quanto temporalmente no quadro da Grande História do Oriente Antigo. Desde o surgimento do Campo dos Estudos Orientalistas nos séculos XVIII e XIX, todo o corpo de conhecimento sobre o Oriente foi manipulado, classificado e influenciado pelos ocidentais até muito recentemente.

Essa dominação política, ideológica e colonial que o Ocidente vem exercendo durante muito tempo sobre o Oriente, mais especificamente a partir do século XVIII, estigmatiza o Oriente sob a marca de tudo aquilo que é exótico, curioso e controverso, como se aquela parte do mundo fosse o extremo oposto de tudo o que o Ocidente representa. “As culturas grega e latina forneceram a base ideológica para a ‘ideia do Ocidente’ como algo essencialmente diferente das culturas ‘orientais’”. (SAID, 2007, p. 29). Um exemplo disso é o fato de não termos uma disciplina com o nome de “Occidentalismo” e de nem os próprios orientais se interessarem em abarcar toda a totalidade do Ocidente em uma disciplina só.

Dessa forma, acabamos considerando muitas culturas diferentes e que se desenvolveram em períodos diferentes como se fossem homogêneas. No começo das descobertas arqueológicas que nos trouxeram de novo luz sobre sociedades completamente esquecidas, costumava-se agrupar todo aquele material e todas essas informações como se fossem uma coisa só. Mas hoje, percebe-se cada vez mais a necessidade de olhar para o Oriente como um lugar extremamente diverso, que abrange as mais diferenciadas culturas e isso se estende para o estudo da Antiguidade e dos Estudos Clássicos.

Sendo assim, é preciso ter um certo cuidado ao trabalhar com a História Antiga de sociedades asiáticas, pois, uma grande parte do conhecimento produzido teve como base, grandes generalizações, o que nos leva a ter uma idéia vaga a respeito de quais sociedades estamos falando, tendo em vista que, colocamos tudo na mesma categoria, ou seja, o Oriente.

A essa tendência, deu-se o nome de Orientalismo. Para Said, o Orientalismo seria uma forma própria do Ocidente e do homem ocidental olhar, conhecer, classificar e dominar o Oriente, sendo a própria palavra Oriente inventada pelos ocidentais para se diferenciarem do Leste, traçando uma fronteira imaginária entre “eles” e “nós” (2007, p.).

Dentre as várias definições de Orientalismo elencadas por Said, destacamos a de que o Orientalismo é, a Instituição que, desde o século XVIII é autorizada a lidar com o Oriente, usando o conhecimento acadêmico e científico como forma de dominação e poder (ibid. p.). A partir dessa instituição se criou um corpo enorme de conhecimento e erudição feito pelos ocidentais para dominar o oriente, sempre visto por eles como um território que deveria ser dominado pois seus habitantes eram dados ao barbarismo, não conheciam a prática do autogoverno e tinham um histórico de governos autoritários e tirânicos.

Em geral, a visão do europeu branco dos séculos XVIII e XIX era de que a dominação no Oriente não era apenas justificada, como necessária. Grandes nomes do colonialismo britânico e francês eram também importantes orientalistas ou defensores da causa, como os ex-primeiros-ministros do Reino Unido Arthur Balfour (1848-1930) e Benjamin Disraeli (1804-1881) e o estadista e líder militar francês Napoleão Bonaparte (1769-1821), etc.

Para a sociedade europeia em geral, era algo bastante claro que não se tratava de superioridade, a questão ia muito além disso. A questão central se encontrava no conhecimento que a sociedade britânica, por exemplo tinha desses povos, um conhecimento que nem mesmo eles tinham, conhecimento esse do passado glorioso das antigas sociedades do Oriente Próximo e Egito, conhecimento de como essas sociedades funcionavam, os europeus defendiam que eles não sabiam governar a si mesmos, ou ao menos, representar a si mesmos, no que ficou marcado pela famosa frase de Karl Marx, no 18 de Brumário, “eles não sabem representar a si mesmos, devem ser representados”.

Deste modo, não se tratava de superioridade (pois era óbvio que o europeu era mais racional, lógico e virtuoso que os ditos “povos do oriente”, que eram vistos como irracionais, depravados e ilógicos, ou seja, o completo oposto dos europeus), e sim de um fardo, o fardo do homem branco de levar a Civilização para tais sociedades, ensiná-las sobre seu passado glorioso e ajudá-las a recuperar tal posição. A questão de suas singularidades não era importante, pois para Balfour e outros orientalistas, governá-los

era igual em toda a parte, pois os orientais eram todos a mesma coisa, seja no Egito ou na Índia” (Ibid. p. 85).

Nessa ampla localidade a que identificamos como Oriente Antigo, temos diversas sociedades que não só conviveram uma com as outras mas também novas levas de imigração, invasões, guerras, conquistas que tornam esse território extremamente diverso e complexo quando o colocamos em questão, sendo assim, como poderíamos definir uma unidade no estudo do Oriente Próximo, sendo essa uma tarefa tão difícil?

A história da região, tanto quanto pode ser reconstruída pela escrita e por vestígios arqueológicos, segue uma trajetória que é diversa nos detalhes mas única em suas maiores características. A relevância dos fatores ambientais, a introdução das melhorias tecnológicas, o desenvolvimento sócio-econômico, pode ser seguido por toda essa área com os mesmos padrões. (LIVERANI, 2005 , p.5. tradução nossa).²⁰

Para o historiador Mario Liverani, apesar do histórico da área ser de diferentes paisagens naturais, diferentes povos e línguas, diversos estilos de vida e diferentes e complicados sistemas de escrita é possível definir uma unidade para o Estudo do Antigo Oriente Próximo, que não deixa de levar em consideração que ao mesmo tempo estamos falando de culturas que se desenvolveram de forma independente.

As regiões e as culturas são mesmo completamente diferentes, mas estão dentro de um contexto que não pode ser completamente ignorado, os hititas foram muito influenciados pelos sumérios e babilônios. Um tema presente em uma dessas culturas, surge também em várias outras com muitas similaridades e etc.

Devemos ter em mente que, a História do Oriente Próximo está cheia de influências recíprocas e “amalgamas culturais” podemos ter uma ideia de como foi feito o caminho desse conjunto de mitos até a forma como eles chegaram até o período Assírio

20 The history of the region, as far as it can be reconstructed from written and archaeological records, follows a trajectory which is diverse in details but unitary in its major features. The relevance of the environmental factors, the introduction of technological improvements, and socio-economic development, can be followed all over the área with similar patterns. The relevance of the environmental factors, the introduction of technological improvements, and sócio economic development, can be followed all over the área with similar patterns.

e do qual os gregos e outros povos da Antiguidade tiveram conhecimento a partir de então.

Tendo dito isso, tomamos como ponto de partida a Idade do Bronze (3.000 – 1200 a.C.), principalmente em torno de 2.300 a.C. quando Sargão da Acádia funda a cidade de Acad e a torna capital de seu Império. Esse é um período muito interessante da História cultural e religiosa da Mesopotâmia, já que, antes, no período das cidades-estados, Gilgamesh e outras figuras históricas eram vistas mais como lendas do que heróis/reis da realidade. “A partir do período de Sargão, os acontecimentos passam a ser mais centrados no aqui e agora da vida terrena” (KRIWACZEK, 2018, p. 144.)

Ocorre, por volta do ano de 2200 a.C. um processo de declínio do Império Acadiano, também conhecida como a época dos Soberanos dos quatro cantos da Terra, além de um processo de desertificação e seca na região, os acadianos também enfrentaram invasões de povos como os hurritas, gutis e amoritas, pondo fim ao Império de Acad.

Após a Terceira Dinastia de Ur (Ur III), a Suméria é conquistada pelos Amoritas, povo semita vindo do deserto sírio-árabe e que com o seu estabelecimento na região, considerada o centro do mundo antigo à época, acabam por abdicarem de boa parte de sua identidade a favor da cultura suméria, sua escrita, linguagem, arte e arquitetura. Com isso a Antiga Babilônia chega em seu apogeu por volta de 1900-1600 a.C.

Esse comportamento dos povos conquistadores perante a cultura milenar da Suméria (depois Babilônia), de fascínio e posterior incorporação dos elementos dessa sociedade na sua própria, deu à História da Mesopotâmia, apesar das muitas conquistas e sucessão de Impérios, um caráter de continuidade e permanência muito forte.

Um exemplo bastante interessante é que, com a conquista da Suméria, os Babilônios quase não alteraram o seu panteão de deuses, “As crenças religiosas mantiveram-se praticamente inalteradas, e a única inovação consistiu, basicamente, em se introduzir no panteão da cidade da Babilônia o deus padroeiro Marduk [...]” (KRIWACZEK, 2018, p. 241.). Com a criação e o estabelecimento do Enuma Elish como o poema da criação dos Babilônios, o status e as atribuições do deus sumério Enlil, rei dos deuses, passa a ser ocupado por Marduk.

Com a conquista dos Assírios, a partir de 1800 a.C., o mesmo movimento se repete, quase nada de altera na mitologia dos Assírios, a não ser o acréscimo do deus Assur que acaba por substituir o deus babilônico Marduk.

O período Assírio é de muita importância para o tema da nossa pesquisa, pois, como já citado anteriormente, é nesse período que temos a chamada Orientalização da Grécia, ou Revolução Orientalizante (título da obra de Walter Burkert), isto é, “[...] esse Império foi o condutor pelo qual grande parte do saber e da cultura mesopotâmicos foi canalizado para a Grécia e outros locais do Ocidente, com isso se tornando parte da herança europeia.” (ibid. 2018. p.267.)

A teoria da Orientalização da Grécia foi amplamente defendida pelo helenista Walter Burkert, segundo ele, esse período coincide com uma influência perceptível na arte, literatura, e Direito gregos e corresponderia a um período de transição entre a Era Arcaica e o período clássico grego. A partir dessa teoria, estudiosos como Martin West, Charles Penglase e outros se debruçam sobre os paralelos e similaridades entre a tradição mesopotâmica e a camada mais antiga da Mitologia grega.

2.2 O Enuma Elish e outros Mitos Cosmogônicos

O Enuma Elish, diz respeito ao nascimento dos deuses, do Universo e dos seres humanos. No começo havia apenas água indiferenciada girando no caos. A partir desse redemoinho, as águas se dividiram em água doce e água salgada, Apsu e Tiamat. Uma vez diferenciados a união dessas duas divindades deu origem a primeira geração de deuses.

Esses deuses mais jovens, no entanto, eram extremamente barulhentos, perturbando o sono de Apsu à noite e distraíndo-o durante o dia. Seguindo o conselho de seu vizir Mummu, Apsu decide matar os deuses mais jovens. Tiamat, sabendo do plano, avisa seu filho mais velho, Enki (Ea), e ele coloca Apsu para dormir e o mata. Dos restos mortais de Apsu, Enki cria a sua morada.

Tiamat, inicialmente apoiadora da nova geração de deuses, fica furiosa porque eles mataram seu companheiro. Ela consulta o deus Quingu, que a aconselha a fazer guerra aos deuses mais jovens. Tiamat recompensa Quingu com a Tábua dos Destinos,

que legitimam o governo de um deus e controlam o destino, e ele a usa orgulhosamente como um escudo. Com Quingu como seu campeão, Tiamat convoca as forças do caos e cria onze monstros horríveis para destruir os demais deuses.

Enki e os demais deuses mais jovens lutam contra Tiamat inutilmente até que, eles decidem pedir a ajuda do deus guerreiro Marduk, que jura derrotar Tiamat. Marduk derrota Quingu e mata Tiamat atirando uma flecha que a divide em duas; de seus olhos fluem as águas dos rios Tigre e Eufrates. Do corpo de Tiamat, Marduk cria os céus e a Terra, ele nomeia os deuses para seus respectivos domínios e amarra as onze criaturas de Tiamat a seus pés, como troféus. Ele também pega as tábuas do destino, legitimando assim seu reinado.

Depois que os deuses terminam de lhe prestar todas as homenagens por sua grande vitória e pela arte de sua criação, Marduk consulta o deus Enki (deus da sabedoria) e decide criar seres humanos a partir dos restos mortais de qualquer um dos deuses que instigou Tiamat a guerra. Quingu é acusado de ser culpado pela guerra entre os deuses e é morto. Do seu sangue, Enki cria Lullu, o primeiro homem, para ser um ajudante dos deuses em sua eterna tarefa de manter a ordem e manter o caos sob controle.

Assim, “Ea criou a humanidade, a quem ele impôs o serviço aos deuses e os libertou” (tabuinha VI. 33-34.). Em seguida, Marduk “organizou o submundo e distribuiu os deuses em suas respectivas designações” (tabuinha VI. 43-46). O poema termina na tabuinha VII com longos elogios a Marduk por suas realizações.

O poema da criação babilônico Enuma Elish é talvez o poema mais importante e difundido da antiga Babilônia, juntamente com a Epopeia de Gilgamesh, e se nos aprofundarmos em seus detalhes mais sutis iremos perceber que ele possui muitos elementos em comum com outros poemas mais antigos da tradição mesopotâmica. Isso nos leva a analisar e traçar um paralelo com as influências que possivelmente serviram de base para a escrita e subsequente consolidação do Enuma Elish como o poema de criação máximo da tradição babilônica.

Como já citado anteriormente, o Enuma Elish era recitado como parte do Festival de Ano Novo na Babilônia. Os presentes na ocasião renovavam seus votos de lealdade da mesma forma que os deuses haviam declarado lealdade à Marduk. Nesse contexto, o mito possuía uma função também política. Com a dominação Assíria, o mito foi reapropriado e sofreu alterações. Na versão Assíria, Marduk foi substituído por Assur, rei da Assíria e o mito não mais passou a contar a história do surgimento da

Babilônia, mas da Assíria. Nesse caso os nomes mudaram, mas a função do mito continuou a mesma.

Tamitik elenca os elementos principais dos mitos cosmogônicos dos povos mesopotâmicos, segundo ela, todos eles tem a presença de: uma Criação e organização do mundo a partir de elementos pré-existentes, como o Caos, representado pelas águas primordiais; segundo, a presença de uma divindade criadora; um antagonista, na maioria das vezes representado por um monstro primordial; uma batalha decisiva entre as “forças do bem e do mal”; a separação dos elementos, ou seja, Terra e Céu; Terra e Água, Ordem e Caos e etc. e por fim, a criação da humanidade (2007, p.66.).

Todos esses elementos de uma história de criação aparecem em muitas mitologias de povos diferentes, como os gregos, egípcios, cananeus, fenícios, entre outros, mas as comparações mais famosas recaem sobre o Enuma Elish e o relato da criação presente no Livro do Gênesis. Todas essas características listadas acima aparecem em Gênesis, exceto a aparição de um monstro primordial.

Havia uma variedade de mitos com padrões diversificados na Antiga Suméria, de fato, “[...] há muitos elementos de mitos sumérios antigos que foram também incorporados no Enuma Elish. A maioria deles não vieram de cosmogonias, mas de histórias descrevendo um combate entre um deus local e um dragão, ou algum outro monstro”²¹ (TAMITIK, 2007, p. 67. tradução nossa)

Tomando como exemplo o Enuma Elish e outros mitos com temática parecida, é evidente que combater um monstro (simbolizando as forças do mal) era uma das realizações mais importantes para uma divindade, o que geralmente dava a esse deus um certo status de herói. Não só isso, como também o exaltava como superior ao restante das outras divindades do panteão.

Uma das primeiras referências identificáveis para o Enuma Elish é o Mito de Anzu. Nesse Mito Sumério, o dragão Anzu rouba a tábua dos destinos, pertencente ao deus-chefe Enliu. Anzu tem como objetivo usurpar o poder e o trono de Enliu, se tornar mestre dos rituais e controlar os outros deuses. Depois de se tornar ciente da perda da Tábua dos Destinos, Anu (e em outras versões, até mesmo Enliu) procura a ajuda de um deus para derrotar Anzu.

21 [...] There are many elements of earlier sumerian myths that were also incorporated in Enuma Elish. Most of them did not come from cosmogonies, but rather from stories describing a combat between a local god and some other monster.

O Mito de Anzu é mencionado no poema sumério, *Lugalbanda e o pássaro Anzu*, também é mencionado no épico sumério de Gilgamesh, *Enkidu e o submundo*. Na Mitologia Suméria, Anzu é uma espécie de demônio híbrido de pássaro com cabeça de leão, nas descrições é mencionado que o bater de suas asas causavam redemoinhos e tempestades de areia.

Tanto no Mito de Anzu, como no Enuma Elish, Ea/Enki toma o papel de um conselheiro, propondo “procurar entre os deuses e escolher na Assembleia o conquistador de Anzu”. Então, a Assembléia dos deuses escolhe Ninurta, que concorda em combater o monstro. Após a vitória de Ninurta, os deuses o exaltam com “muitos nomes”. O mesmo padrão é observado no Enuma Elish, após a vitória de Marduk sobre Tiamat, quando os deuses “pronunciam seus 50 nomes” e “fizeram sua posição suprema”.

Outros paralelos indicam que, assim como no Enuma Elish, duas divindades recusam a proposta inicial, Anu e Ea antes de Marduk a aceitar. No Mito de Anzu três divindades também recusam a proposta antes de Ninurta.

Na tradição suméria Ninurta combate onze monstros. É interessante notar que, no Enuma Elish, Tiamat também combate ao lado de onze monstros, mas somente são nomeados oito, o que pode indicar que o número onze é emprestado. Além do mais, a presença da Tábua dos Destinos no Enuma Elish também não faz muito sentido, o mesmo não pode ser dito do Mito de Anzu. Nessa narrativa o desaparecimento da Tábua dos Destinos inicia a história. Também não é mencionado em nenhum momento que Tiamat rouba a Tábua dos Destinos, essa suposição também parece derivar do Mito de Anzu.

Outro mito que podemos usar como fonte para o Enuma Elish é a história de *Ninurta e o dragão Kur*. Enquanto que no mito anterior, Anzu simbolizava as montanhas, nesta Kur representa as águas primordiais. Após a destruição de Kur, as águas começam a subir e para impedir um problema maior, Ninurta, segundo a tradição, “empilha pedras e mais pedras sob o corpo de Kur, para que as águas fiquem presas no subsolo”.

Lembremos que, no Enuma Elish Marduk possui um papel similar ao destruir Tiamat, também representado no poema como um aspecto das águas primordiais. Ao destruir e matar Tiamat, Marduk usa o corpo do monstro para criar o mundo, com isso Marduk passa a ser chamado de “criador dos céus e da Terra”, título esse que era dado anteriormente ao deus Enliu.

Brandon ressalta que seria razoável supor que o autor do Enuma Elish, na intenção de exaltar Marduk, foi levado a designar características dos deuses Ninurta e Enliu, para

afinal os fundir juntos em uma única divindade, resultando em uma confusão de temas e imagens (apud. TAMITIK, 2007. p.70)

Em uma mitologia tão diversificada e antiga como a Suméria, os nomes das divindades e das criaturas também podem variar bastante, principalmente de uma localidade para outra. Em um desses mitos, Enliu luta com um gigantesco monstro do mar chamado Labbu. As medidas e proporções gigantescas de Labbu também parece ter influenciado o do monstro Tiamat no Enuma Elish, assim como também de outros mitos muito mais antigos.

2.3 O Épico de Gilgamesh: Descoberta Revolucionária

A descoberta das tabuinhas de argila contendo a Epopeia de Gilgamesh, o Enuma Elish e muitos outros escritos da cultura mesopotâmica se deu no século XIX, século marcado pelo surgimento da Arqueologia Científica. O interesse por esse vasto campo de conhecimento foi impulsionado pela realização, pelos estudiosos, de que a grande parte da História humana se desenrolou sem o conhecimento da escrita e que a única forma de estudar “as origens” seria através da cultura material dessas antigas sociedades.

Diante dessa nova possibilidade, “necessitava-se urgentemente de meios cientificamente dirigidos que contribuíssem para a exploração desse abismo profundo que ora aparecia tão plausível; meios que confluíssem para revelá-lo” (LOPES, 2017, p. 54).

Em toda a Europa surgia um grande interesse de estudar as antigas civilizações, notadamente a Civilização Grego-romana, domínio esse que ficou conhecido como *Arqueologia Clássica*. Voltado inteiramente para escavações na Grécia e Roma primeiramente, a Arqueologia Clássica logo se expandiu para procurar dar respostas sobre alguns antecedentes e influências da civilização clássica, a saber, os minóicos de Creta e sociedades do Mediterraneo Oriental. No caso dos romanos, as escavações abrangiam os etruscos, por exemplo.

A *Arqueologia Bíblica* também foi um outro campo bastante explorado pelos entusiastas da Arqueologia e do mundo antigo nesse período. Se guiando primordialmente através das escrituras antigas, os arqueólogos bíblicos viajavam até as

antigas ruínas do Oriente Médio para buscar tesouros e relíquias relacionadas aos acontecimentos e procuravam atestar a autenticidade das sociedades citadas na Bíblia.

É importante citar aqui, que, antes do advento da Arqueologia científica quase nada se sabia a respeito do mundo antigo, principalmente relacionado às antigas sociedades do Oriente Médio e todo o conhecimento se resumia aos relatos contidos nas escrituras, como é o caso dos hebreus, babilônios, cananeus e assírios. Até mesmo o próprio nome dessa área de estudos, que se convencionou chamar de Assiriologia, recebeu esse nome porque se acreditava, de acordo com a Bíblia, que a Assíria fosse a mais antiga civilização do mundo.

Graças às escavações arqueológicas no Oriente Médio e posterior deciframento da escrita cuneiforme, revelou-se que a mais antiga civilização da região mesopotâmica foi a Suméria, cujo surgimento remonta a 3500 a.C. “uma das primeiras civilizações do mundo, que ficou para a história pelas suas criações inovadoras e pela passagem dos seus métodos e conhecimentos às civilizações vindouras” (SANTOS, 2014, p. 108.).

Liderado pelo assiriólogo e viajante inglês, Austen Henry Layard (1817-1894), as escavações na antiga cidade assíria de Nínive em 1849 revelou para o mundo os tesouros da submersa Biblioteca do rei Assírio Assurbanipal, que viveu e reinou no século VII a.C., durante um longo reinado de 38 anos e que é considerado o último grande rei do Império Assírio.

As intenções de Assurbanipal aos criar uma biblioteca lendária contendo grande parte do conhecimento Assírio/Babilônico ainda é e talvez continue sendo desconhecido para os estudiosos, ainda assim, muitos especulam que o motivo seria o de deixar para a posteridade muitos escritos da cultura assíria que, por ventura de guerras, conquista ou a falta de interesse das gerações seguintes poderia se perder para sempre. Outra teoria seria a de que a grande quantidade de manuscritos preservados do poema de Gilgamesh seria uma atividade comum e regular dada para os escribas treinarem sua escrita a partir de um de seus mais famosos poemas nacionais.

Após a descoberta do poema, passam-se anos até que o poema seja finalmente traduzido, já que, a escrita cuneiforme permaneceu desconhecida durante um bom período, até que a descoberta de uma inscrição de Dario I da Pérsia, contendo inscritos em três idiomas antigos, o persa, elamita e babilônio possibilitou o

deciframento da escrita cuneiforme por Henry Rawlinson (1810-1895) entre os anos de 1835 e 1843.

O poema é finalmente traduzido em 1872 por Henry Rawlinson e George Smith (1840-1876), que utilizaram os manuscritos assírios que foram encontrados nas ruínas da biblioteca de Assurbanipal, porém, escavações posteriores revelaram versões do poema escritas em sumério, datadas de 2000 a.C. A epopeia, em si, parece ter sido bastante popular no mundo antigo, já que foram encontradas desde então traduções do poema nas línguas hitita, hurrita e acádio.

Gilgamesh, provavelmente foi um rei real que viveu no século XXVII a.C, e que, por causa de seus feitos, como a construção das muralhas de Úruk, foi escrito por volta do século XXII a.C, em sua homenagem, o poema chamado *Ele que o Abismo Viu*, composto de cinco narrativas anteriores bastante populares e lendárias a respeito dos feitos do monarca e que foram compiladas em 12 tabuinhas, sendo elas: *Gilgamesh e a Terra dos Vivos; Gilgamesh e o Touro Celeste; O Dilúvio; A Morte de Gilgamesh e Gilgamesh, Enkidu e o Submundo*.

De fato, a Epopeia de Gilgamesh é tida hoje como a obra literária mais antiga do mundo, posto esse que durante muito tempo foi ocupado pelos poemas homéricos e até mesmo pela Bíblia. A obra também possui uma imensa importância no meio acadêmico, não só por ser a mais antiga:

Esta descoberta, para além de proporcionar o desenvolvimento científico da Assiriologia, fomentou o desenvolvimento científico em geral, não só porque foi tema de debate durante muito tempo, mas também pelas conclusões que puderam ser tiradas principalmente pela corrente criacionista da humanidade e por todo o mundo hebraico e crente em leis antigas (D'AGOSTINO, 2007. apud. SANTOS, 2014, p. 112.).

Na história, acompanhamos o herói Gilgamesh que, devido seus excessos como rei, habitantes de Úruk pedem aos deuses um castigo para conter seu temperamento agressivo e tirânico, assim eles criam Enkidu, uma espécie de homem primitivo que teria a mesma força física de Gilgamesh. Depois que a prostituta Shámhat o atrai para a cidade de Úruk, Gilgamesh e Enkidu lutam até que é decidido um empate, e os dois se tornam grandes amigos.

O poema trás em seguida uma série de aventuras vividas por Gilgamesh e Enkidu, e depois de recusar a mão da deusa Ishtar e de uma série de outras ofensas aos deuses como ter provocado a morte de Humbaba, guardião da floresta de Cedros e o Touro sagrado, eles decidem que um dos dois deve morrer, e a decisão recai sobre Enkidu.

A tabuinha IX é um dos eixos centrais da Epopeia, é aqui que, horrorizado pela morte do seu melhor amigo, Enkidu, Gilgamesh percebe que, ele também irá morrer e isso causa grande pavor e recusa em aceitar que não só irá morrer, como também pode ser esquecido:

Como calar, como ficar eu em silêncio? O amigo meu que amo,
tornou-se barro, Enkidu, o amigo meu, que amo, tornou-se barro!
E eu: como ele não deitarei E não mais levantarei de era em era?
(tabuinha X, 244-248.)

Assim, Gilgamesh parte em uma jornada para encontrar Uta-Napíshti, que por ter seguido as instruções do deus Ea, de construir uma arca no período do dilúvio, ganha de presente a imortalidade dos deuses, mas quando o encontra, Uta-Napíshti lhe diz que os deuses só concederam a imortalidade somente uma vez, e que nunca mais iria ser concedida novamente, a esposa de Uta-Napíshti sente pena de Gilgamesh e lhe fala a localização de uma planta que prolonga a vida, mas novamente ele é impedido por uma serpente que a rouba. Ao final, Gilgamesh compreende que a imortalidade não é alcançável para os humanos e que a vida é breve, mas com sua jornada ele consegue glória para si e para Úruk.

Entre os grandes temas abordados no poema, podemos facilmente citar, a amizade, coragem, tirania, nobreza, traição, arrependimento e amor, mas entre todos eles nenhum se destaca mais do que o tema da morte e do medo do esquecimento eterno. Santos chama a atenção para o fato de que a morte no poema de Gilgamesh, e conseqüentemente na cultura mesopotâmica em geral, é muito diferente do que em outras sociedades pré-clássicas, como a egípcia, por exemplo. Enquanto que, para os egípcios a morte é vista como um acesso à "felicidade, harmonia e abundância", fonte de descanso eterno, para os mesopotâmicos, ela é sinônimo de sofrimento e danação, sendo o próprio nome do lugar para onde vão os mortos chamado de Érsetu, "Terra sem retorno" (2014, p. 109-110).

Em toda a mitologia egípcia encontramos um imaginário fúnebre relacionado com a vida após a morte e os rituais necessários, antes, durante e depois da morte do indivíduo, que, ao chegar no além, passava por um ritual para ser testado seu senso de "justiça, harmonia, ordem e verdade". A deusa Maat fazia a pesagem dos corações dos mortais, que nunca devia ser mais pesado que sua pluma, caso contrário, significaria que a pessoa não fora justa ao longo de sua vida. Dependendo do resultado, ou o morto ganhava a vida eterna ou seria condenado efetivamente a morte.

É curioso pensar que, em toda a Epopeia de Gilgamesh não encontramos referências a um imaginário relacionado com a preparação e aceitação da morte, em vez disso, o que há é o terror, medo e aflição relacionado ao além-túmulo, o que faz com que o protagonista Gilgamesh parta em uma perigosa jornada em busca pela vida eterna e então escapar do destino inevitável de ir para a Érsetu.

Grande parte desse temor em relação a morte entre os mesopotâmicos se deve ao fato de que se tratava de algo desconhecido, oculto e misterioso, do qual ninguém sabia, de fato, o que acontecia na vida após a morte. Por se tratar de algo invisível e oculto, os mesopotâmicos o temiam e era preferível o “mal conhecido”, nesse caso, do que um “bem desconhecido”. Isso se contrasta paralelamente com a cultura egípcia, na qual, sua rica mitologia centrada em Maat gerava uma concepção muito clara em relação à morte e ao além-túmulo.

Entre os episódios em que o temor causado pela morte se torna mais identificável no poema, podemos citar: a determinação dos deuses ao criar Enkidu e, em seguida, decretando a sua morte; a história do Dilúvio, em que os deuses decretaram o desaparecimento e morte de todos os seres humanos, poupando unicamente Uta-Napishtim e; a jornada final de Gilgamesh em busca de encontrar a vida eterna e a realização e aceitação de que é impossível escapar de tal destino.

É também na Epopeia de Gilgamesh, que podemos encontrar uma profunda concepção de Ética Política ligada ao Poder Real (Ibid. p. 113.). Quando os deuses criam os homens e impõem limites, eles também elegem e dão legitimidade a uma nobreza terrena (nesse caso, representado por Gilgamesh), o rei, possui na cultura mesopotâmica um papel ordenador e legitimador. Tudo isso se torna evidente quando Gilgamesh deixa de ser um líder tirânico e se torna um monarca justo e sábio.

No final da tabuinha II nos é dada a descrição do monstro Humbaba, o qual Gilgamesh e Enkidu devem derrotar em sua primeira aventura. Nessa passagem, Humbaba é descrito como se, “Sua fala é fogo, seu alento é morte!” (tabuinha II, 292). Podemos dizer que, se trata de uma clara simbologia em torno do terror e medo que o tema da morte causava na cultura mesopotâmica (Ibid. p. 114)

Em todo o poema as informações são bastante lacunares e fragmentadas, devido às condições climáticas e por terem permanecido esquecidas durante milênios, os fragmentos do Épico que temos acesso possuem várias lacunas que comprometem a leitura dos versos. Uma dessas tabuinhas, na qual a leitura se tornou bastante difícil, é a tabuinha X. Nessa parte é narrado o encontro de Gilgamesh com Siduri, esposa do deus Shamash. Siduri o aconselha a voltar para casa e desfrutar de uma vida de prazeres, pois o caminho que o herói busca é árduo e difícil. Ao perceber que Gilgamesh não desistiria de sua jornada, Siduri indica o caminho para o herói encontrar Uta-Napishtim, o único ser que foi agraciado pela imortalidade dada pelos deuses.

Esse conselho não é alheio aos costumes mesopotâmicos, de fato, alguns mesopotâmicos viviam neste modelo, “ao que vulgarmente designamos ‘um dia de cada vez’ aproveitando o que de melhor a vida lhes dava (o amor, a família e a vitalidade), porque, consideravam que era melhor uma vida ‘pacata’ do que uma morte ‘faraônica’” (FOSTER, 2007, p. 190. apud. Ibid. p. 117.).

A essência do conceito de morte pode ser encontrado nas palavras que Uta-Napishtim dirige a Gilgamesh na tabuinha seguinte,

Da morte não delineiam a figura! A um homem, um morto não o bendiz com bênçãos sobre a terra. Os Anunnákki, grandes deuses, reunidos, Mammítum, que cria os fados, com eles o fado fez: Dispuseram morte e vida, Da morte não revelaram o dia (tabuinha X, 317-322).

É importante salientar que, para os antigos mesopotâmicos não havia a noção de Inferno e Paraíso, para eles, todos iam para o mesmo lugar ao morrer, a temida Érsetu, ou, Terra sem retorno, em uma tradução literal. Dessa forma, podemos compreender como, em um indispensável trabalho de literatura do Antigo Oriente Próximo encontramos em seu tema central uma preocupação de como honrar a vida, já que, não existia paraíso, ressurreição ou reencarnação, uma vez que o morto ia para a Érsetu ele

estaria condenado para sempre e dependia dele construir um legado na sua passagem terra, viver uma vida justa, gozando dos pequenos prazeres e adquirindo sabedoria. Esse é, inclusive, o grande aprendizado de Gilgamesh ao final do poema.

2.4 Mitos sobre o Dilúvio e Submundo na Tradição Mesopotâmica

Quando se trata de Mitologia Comparada no Antigo Oriente, é inevitável falar sobre os mitos sobre o dilúvio. Esse tema possui muitas versões parecidas que podem ser encontradas ao longo de toda a região do Oriente Próximo e nos chegou principalmente através do relato bíblico do Gênesis, em que Noé é escolhido por Deus para construir uma arca para salvar ele e sua família assim como um par de cada espécie animal de um Grande Dilúvio mandado por Deus para destruir a humanidade. A partir das descobertas de inscrições sumérias e babilônicas a partir do século XIX, descobriu-se que esse tema tinha raízes muito antigas, algumas datando até mesmo do terceiro milênio a.C.

Escrito em meados do século XVII a.C. a *Epopéia de Atrahasis* (Poema do Super Sábio) é um poema babilônico/acadiano que conta a história de um dilúvio enviado pelos deuses para destruir a humanidade, o deus Enki (Ea) avisa Atrahasis para construir uma arca para salvar a si mesmo, ele ouve os conselhos do deus e além de construir a arca, coloca um par de cada criatura e assim salva a vida na terra:

O Poema do Supersábio é uma obra que por muito tempo foi pouco conhecida mas da qual uma série de achados felizes nos restituiu, há alguns anos, dois terços: cerca de 800 versos, mais do que o necessário para que se possa compreender seu sentido e alcance (BOTTÉRO, 2011, p.58).

Acredita-se que essa história foi escrita durante o reinado do rei babilônico Ammi-Saduqa (1646-1626 a.C), porém, a história se mostra muito mais antiga, transmitida através das gerações pela tradição oral. A *Gênesis de Eridu* é a história do Dilúvio Sumério e é ainda muito mais antiga, composta no ano de 2300 a.C. aproximadamente.

O Épico de Gilgamesh, com seus paralelos com os Poemas Homéricos, também traz um relato escrito ainda mais antigo de um grande Dilúvio. Mark defende que, “Enquanto que a história em si trata de um dilúvio de proporção universal, a maioria

dos estudiosos reconhecem que ele foi provavelmente inspirado por um evento local: as inundações dos rios Tigre e Eufrates”²² (2011. p. 3. tradução nossa).

No Épico de Gilgamesh nos é contado uma versão diferente do Atrahasis, aqui a personagem responsável por seguir as instruções dos deuses de construir a arca é Utnapishtim, que salva a si mesmo e sua esposa e como presente ganha a imortalidade dos deuses. É a Utnapishtim que Gilgamesh recorre no tablete X do poema, para descobrir como ele também poderia receber a imortalidade dos deuses, o que ele responde que a imortalidade não é reservada a nenhum mortal:

Os Anunnáki, grandes deuses, reunidos, Mammítum, que cria os fados, com eles o fado fez; Dispuseram morte e vida Da Morte não revelaram o dia. (TABUINHA X, 319-322).

Evidências arqueológicas e geológicas mostram que as inundações eram bem comuns na região da Mesopotâmia, mas existe uma inundação em particular que pode ter servido como base para a história, que ocorreu 2800 a.C. porém, hoje, “nenhum estudioso defende que a ideia de que houve um dilúvio global, como o descrito em Atrahasis e em outros relatos”²³ (MARK, 2011, p. 4. tradução nossa).

Na Cronologia desses antigos textos babilônicos, o Atrahasis, se inicia depois da criação do mundo (descrita no Enuma Elish) mas antes do aparecimento dos seres humanos, de modo que, essas histórias frequentemente serviam para explicar a mortalidade humana. Ou seja, nesses relatos frequentemente os deuses ficam furiosos com os humanos por algum motivo e decretam a sua destruição, mas de alguma forma um indivíduo ou um casal permanece, mas os deuses decretam que a partir daí os humanos receberiam a imortalidade como punição.

O tema do Dilúvio presente em tantos mitos de regiões diferentes, (quase toda cultura tem um mito sobre um Dilúvio) continua instigando os estudiosos, que são tidos por alguns como prova de que aconteceu um grande dilúvio de proporção global em alguma época remota, por outro lado, é muito mais possível que uma história contada e recontada diversas vezes através de gerações podem ter inspirado poetas em diferentes

22 While the story itself concerns a flood of universality, most scholars recognize that it was probably inspired by a local event: flooding caused by the Tigris and Euphrates rivers overflowing their banks.

23 No recognized scholar working in the present day maintains the argument that there was ever a worldwide flood

regiões, o fato é que não podemos atribuir uma origem para esses mitos, eles aparecem em tantas regiões diferentes e são tão antigos que essa tarefa tornou-se praticamente impossível.

Assim como na região do Oriente Próximo abundam mitos sobre o Dilúvio, na Grécia também temos uma história similar, conhecida como o *Dilúvio de Deucalião e Pirra*. Esse Mito, que nos chegou por meio do poeta latino Ovídio (43 a.C. – 17-18 a.C.) em sua obra *Metamorfoses*, foi muito baseada na Teogonia de Hesíodo e possui vários mitos que sobreviveram e foram transmitidos pela tradição oral, mas que não se encontram nos escritos gregos.

Nesse mito nos é contado que existiam então sobre a Terra outros humanos – cuja origem permanece sem explicação – os homens da Idade do Bronze corrompidos e perversos. Zeus resolveu destruí-los desencadeando um grande Dilúvio”. (GRIMAL, 2019, p.38) Ele convoca então os demais deuses para uma assembleia, nela Zeus decide que irá acabar imediatamente com a humanidade através do fogo, mas logo percebe que o fogo destruiria também a morada dos deuses.

O Rei dos deuses decide então mandar um Dilúvio para varrer a humanidade, mas o Titã Prometeu, que possui dons proféticos avisa seu filho Deucalião (conhecido como o justo) para construir uma arca e salvar a si mesmo e a sua mulher Pirra. O Dilúvio é mandado por Zeus que depois de dias de devastação cessa e os deuses percebem que Deucalião e Pirra são os únicos sobreviventes. Sem saber o que fazer, os dois procuram um oráculo, a fim de encontrar alguma resposta do que fazer em seguida, o Oráculo responde que eles devem, com os olhos vendados, jogar os ossos de sua mãe para trás. Ao perceberem que se tratava da própria Terra, mãe de todos, começam a jogar pedras para trás, o que dá origem aos primeiros homens e mulheres.

Mais uma vez, encontramos em um Mito Grego semelhanças marcantes com aspectos da Tradição Oriental. Dessa vez é inquestionável o paralelo com o poema sumério Atrahasis (Poema do Supersábio) e do Relato do Dilúvio presente em Gilgamesh. As mesmas fontes que se acredita ainda, terem inspirado a história do Dilúvio Bíblico. Já discutimos que é praticamente impossível precisar quando, historicamente surgiu o primeiro relato sobre uma grande inundação, mas é muito provável que essas histórias eram amplamente difundidas no Mundo Antigo e que em determinado momento chegaram até a Grécia influenciando e fazendo com que os

próprios gregos criassem o seu relato modificando alguns aspectos e o adotando em sua própria Mitologia.

Muitos desses paralelos e semelhanças nas narrativas, bem como diferenças ressoam também na escrita dos dois relatos paralelos da Criação presentes no Gênesis bíblico. Traçamos a seguir alguns exemplos dessas similaridades.

Assim como no começo do poema *Enuma Elish* e em sua criação da humanidade vemos os deuses primordiais Apsu e Tiamat reclamando seu descanso, querendo que os deuses que haviam sido gerados fossem destruídos e mais tarde esses deuses criando a humanidade para que os deuses não precisassem trabalhar, vemos como essa ideia do descanso ressoa na Mitologia. Os deuses, após realizarem a sua criação, querem repouso, descanso, e para isso, muitas vezes, chegam até a querer destruir parte de sua criação, por esse descanso, como acontece no *Enuma Elish*.

Podemos traçar um paralelo com o relato de criação bíblico, quando, o mesmo motivo, do deus criador descansando, após sua obra de criação “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de Criação” (Gênesis, Cap 2:2-3).

A semelhança com o Paraíso bíblico do Éden com a Idade de Ouro do Mito das Cinco Idades presente em *Os Trabalhos e os Dias* também é digna de nota. Aqui vemos igualmente dois paraísos terrestres dados aos humanos num período bastante primevo, em que não há doença, morte, ódio, ou qualquer elemento negativo, da mesma forma, nos dois exemplos, essa “idade de ouro”, digamos assim, é tirada dos homens, e esses passam a sofrer cada vez mais de forma gradual, até chegarmos ao atual estado de coisas, que em *Os Trabalhos e os Dias*, vai culminar com a Idade de Ferro.

Porém, ao contrário da narrativa do Gênesis, não são os humanos que causam a ruptura, mas sim Prometeu, que ofende e rouba o Fogo dos Deuses. “Na Teogonia de Hesíodo, Prometeu ainda é considerado apenas o benfeitor dos homens que, por eles, dispôs-se a enganar Zeus duas vezes”. (GRIMAL, 2019, p.36) Além de roubar o fogo da roda dos deuses, ele primeiramente engana Zeus com as oferendas, em vez da carne e das entranhas que deveriam ser entregues ao deus, Prometeu encobre uma série de ossos em gordura branca e entrega aos deuses, que ficam furiosos.

Por conta dessa artimanha de Prometeu, em que ele troca as oferendas, os seres humanos são obrigados a se tornarem carnívoros, “Primeiramente, os humanos recebem a outra porção de carne, aquela com carne de boi, e isso aparentemente os transforma em carnívoros, quando antes eles tinham sido vegetarianos – assim como Adão e Eva no Éden”.²⁴ (FITZGERALD, 2013, p.6. tradução nossa.)

Essa ruptura também é simbolizada pelo ato do sacrifício, em que os humanos para deter certos privilégios em seu relacionamento com as divindades passam a prestar cultos. Com a ofensa de Prometeu a Zeus, os humanos perdem seu status de privilégio com as divindades do Olimpo, assim como na história de Caim e Abel no capítulo 6 de Gênesis, em que fica implícito que, depois da ruptura com Deus, os seres humanos precisam a partir daí prestar culto, em forma de sacrifício.

É fato que, direta ou indiretamente os povos do Mar Egeu, em algum momento entre os séculos XIII-VIII a.C tiveram conhecimento das inúmeras tradições vindas da Babilônia, Assíria, Suméria, Fenícia, entre outras, e isso se revela pela incrível quantidade de paralelos encontrados. “Um desses elementos da arte e literatura gregas que mostram muitas semelhanças com as tradições do Antigo Oriente Próximo consistem na descrição do submundo e suas ideias sobre a vida após a morte nesse lugar” (RÖLLIG, 2001, p.308. tradução nossa).²⁵

Uma vez que adentramos na literatura dos povos da Mesopotâmia, encontramos muitos mitos sobre o submundo, o mais famoso deles é o mito sumério “*A descida de Inanna ao Submundo*”. A história descreve a tentativa fracassada de Inanna de se tornar rainha de todas as regiões do Universo. Outro mito que vale citar aqui é “*Nergal e Ereshkigal*”, que conta a história do desejo da rainha do Submundo Ereshkigal de se casar com o deus Nergal, que depois que escapa de suas intenções é obrigado a se casar com a deusa e dividir com ela o Reino do Mundo Inferior.

Röllig não cita, mas quando lemos a fúria de Ereshkigal ameaçando amaldiçoar a humanidade com fome e morte, seu desejo de se casar com Nergal, que habita a morada dos deuses no céu, isso nos traz evidentemente um paralelo com o Mito

24 Firstly, humans received the other ox-portion, the one with ox-meat, and this apparently transformed them into carnivores, whereas previously they had been vegetarians – as were Adam and Eve in Eden.

25 One of the elements of Greek art and literature which show striking similarities to Ancient Near Eastern traditions consists in their description of the Netherworld and their ideas about the afterlife there.

grego da *Descida de Perséfone ao Submundo*, em que Perséfone é obrigada a se tornar esposa de Hades, rei do Mundo Inferior. A mãe de Perséfone, da mesma forma ameaça a humanidade com Infertilidade e fome, em ambos os mitos, Zeus e Anu (deuses do Céu) intervêm e fazem com que tanto Nergal no primeiro caso, quanto Perséfone, no segundo fiquem no submundo e reinem ao lado do soberano do mundo Inferior.

No entanto, é sempre necessário mencionar que é muito pouco provável que os gregos do período micênico, até o século VIII a.C, pudessem ter algum tipo de contato com o relato de “Nergal e Ereshkigal”, pois não havia ainda nenhuma comprovação de que esses textos eram amplamente difundidos como eram o Épico de Gilgamesh e o Enuma Elish. Mas as semelhanças entre as duas histórias são impressionantes.

O último tablete do Épico de Gilgamesh, o Tablete 12, conhecido como, *Gilgamesh, Enkidu e o mundo Subterrâneo* é considerado por muitos estudiosos um texto que não fazia parte integral do Poema, sendo apenas adicionado posteriormente. “É evidente que esse texto não era parte original do Épico, mas pertencia a uma composição Suméria “Gilgamesh, Enkidu e o Submundo”²⁶ (Ibid. p. 309. tradução nossa).

Essa desconfiança se deve ao fato de que a sequência narrativa que vinha se desenvolvendo desde a tabuinha 1 se encerra na tabuinha 11, enquanto que a tabuinha 12 se constitui como um apêndice inorgânico ao poema. “O texto é na prática, uma tradução de parte do poema sumério intitulado “*Naqueles dias, naqueles remotos dias*” (BRANDÃO,2017, p.301).²⁷

Esse relato é centrado em um episódio em que Enkidu viaja à Érsetu, a morada subterrânea dos mortos para recuperar os objetos perdidos de Gilgamesh, a *pukku* e o *mukkû* (na tradução de Brandão, ele opta por traduzir esses termos como a Bola e o Taco). Gilgamesh durante o poema apela para que a entrada de Enkidu no Submundo não seja percebida, pois de outro modo, ele seria pela eternidade condenado a permanecer lá. Já que a própria palavra Érsetu significa “a Terra sem retorno”.

26 It is evident that this text was not an original part of this Epic but belonged to the Sumerian composition “Gilgamesh, Enkidu and the Netherworld.

27 Ver comentários de Brandão, sobre a tabuinha 12 do Épico de Gilgamesh, em UNNÍNI, S.L Epopeia de Gilgamesh: Ele que o abismo viu. Tradução, Introdução e comentários de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica Ed,2018. p. 301-306.

A narrativa em particular, bem como outros textos da tradição acádia, suméria, grega, entre outros, se constitui em uma *Catábasis*, ou seja, um gênero literário em que um protagonista extraordinário, auxiliado ou não por um deus, viaja vivo para a morada dos mortos com a finalidade de reaver algum objeto específico de lá e com o propósito de retornar para o mundo dos vivos.

Fizemos alusão para as similaridades entre o texto do Épico de Gilgamesh e a jornada de Ulisses na Odisseia no que tange a nekúia, isto é, o contato com o mundo subterrâneo dos mortos. Da mesma forma aqui, na tabuinha 12 do poema e também no Canto XI da Odisseia, vemos aparecer o mesmo gênero Mítico.

No Canto XI (106,121) da Odisseia, vemos Ulisses oferecer um sacrifício ao deus Hades e sua companheira Perséfone, para que ele possa entrar em contato com os mortos, especialmente com Tirésias, para saber dos retornos dos heróis da Guerra de Tróia e também sobre o seu próprio retorno para Ítaca. A partir daí, Ulisses entra em contato com as almas de uma série de personagens do Hades, como Tirésias, sua mãe e o próprio Aquiles. Outras semelhanças entre esses dois poemas incluem uma série de paralelos a partir da descrição da Érebu e da morada de Hades.

3 Capítulo: OS MITOS DE CRIAÇÃO E O “PARALELO COM O ORIENTE PRÓXIMO”

3.1 Mitologia: Ciência de uma Mentalidade Coletiva

Se tentarmos dar uma definição para o que seria o Mito, ficaríamos presos em uma discussão sem fim. O fato é que o Mito não tem uma definição conclusiva, ele é trabalhado por várias áreas do conhecimento e é um verdadeiro patrimônio das artes. Apesar de não termos uma definição pronta, o Mito é um daqueles poucos conceitos dos quais temos sempre uma vaga ideia do que se trata, todos nós conhecemos algum mito, gostamos de narrá-los e sabemos que apesar de trazerem elementos fantasiosos carregam uma verdade milenar. Santo Agostinho, ao ser questionado sobre o que seria Mito, responde, “Sei muito bem o que é, desde que não me perguntem, mas quando me pedem uma definição, fico perplexo” (apud. RUTHVEN. p. 7.).

Com toda a importância dos mitos ao longo da história, era de se esperar que fossem criados diversas mitogonias ou sistematizações de mitos que explicassem o seu propósito, principalmente em sua origem, com as sociedades primitivas.

As Teorias e estudos sobre os Mitos, começaram a ser formuladas há muito tempo, mais precisamente no século V a.C. com os filósofos pré-socráticos, como Xenófanes (570 a.C. – 475 a.C.) que criticava Homero e Hesíodo por atribuir aos deuses, as características mais maldosas e vergonhosas dos humanos. Platão, (427/428 a.C. – 348/343 a.C.) criticava os Mitos de deuses, heróis e criaturas fantásticas, que para ele, eram irracionais e, portanto, falsos. Foi ele que primeiro utilizou a palavra Mitologia no sentido que a conhecemos hoje.

O escritor e hermeneuta grego do período helenístico, Evêmero (330 a.C. – 250 a. C.) presumiu que as pessoas que viveram antes dele eram primitivas, para elas não existia o conceito de Logos, então elas criaram versões fantasiosas de eventos históricos para explicar coisas que elas não compreendiam. Para ele, Zeus era um rei humano, cujos feitos se tornaram lendários, foram contados e recontados até se tornarem mitos.

Muito do que foi proposto pelo Evemerismo foi utilizado mais tarde pelo pelos teóricos cristãos na Antiguidade tardia e Medievo para condenar e deslegitimar as práticas ditas pagãs. Daí em diante, se desenvolveu o “Evemerismo Inverso”, denominação de Kees Bolle e que se difere do interior por ser totalmente pejorativo. Ao longo do tempo essa ideia de que os Mitos eram deformações da realidade histórica levou a criação de grandes genealogias e cronologias históricas a fim de historicizar o Mito.

O Mito também forneceu uma importante arma política, já que, desde a Antiguidade Clássica, grandes heróis e personagens mitológicos eram apropriados por figuras políticas, alegando que teriam parentesco com tais heróis. Podemos citar a importância da relação entre Eneias e o Imperador Augusto e a do Rei Arthur para os antigos reis britânicos.

A partir de então o Evemerismo, como ficou conhecido sua teoria, significa interpretar os mitos como explicação primitiva do mundo natural ou uma distorção dos acontecimentos históricos. Hoje, o Evemerismo não é levado a sério por quase nenhum

estudioso do mito, pois se baseia em uma ideia muito simplista e superficial da mitologia.

As ideias de Platão, Evêmero e outros foram redescobertas mais tarde pelos pensadores romanos, especialmente os cristãos. Tertuliano e Clemente de Alexandria, tomaram o senso platônico de Mito como algo falso e a partir dele criaram sua própria Teoria, amplamente apoiada no Cristianismo, que dizia que os mitos gregos e romanos, nada mais seriam do que, histórias influenciadas por “demônios”.

Esses antigos mitologistas estabeleceram uma dicotomia entre Mythos, associados com o falso, e o Logos, que os pensadores cristãos associaram com a verdade Transcendental. Essa síntese entre Platão e o Cristianismo foi a base da Mitologia Ocidental até meados da Renascença.

A Teoria Alegórica defende que os mitos seriam alegorias dos fenômenos naturais que nos rodeiam, dessa maneira, Zeus não seria o deus dos raios, mas a personificação dessa força natural. Os mitos não são mais interpretados como distorções da realidade, mas como contendo uma verdade em si, só que essa verdade vem em formato de enigma, não se deve interpretar o mito “ao pé da letra”.

A Mitologia como uma área de estudos, uma ciência propriamente dita, só surge nos séculos XVIII e XIX, quando uma série de estudos e descobertas contribuem com a sua sistematização do conhecimento. A descoberta de inscrições antigas que desvendou que todas essas línguas eram conectadas, fazendo parte do Proto-Indo-Europeu; os estudos de Mitologia de Johann Gottfried Herder (1744-1803) lançaram uma nova visão para a importância da Mitologia e das histórias tradicionais para o estudo de uma determinada língua ou cultura.²⁸

Avanços no campo da Antropologia proporcionados por dois expoentes, Sir. James Frazer (1854-1941) e Bronislaw Malinowski (1884-1942) na primeira metade do século XX também foram de muita importância para o estudo das mitologias e religiões não apenas da Europa, mas de todas as sociedades. Ainda no século XX os estudos sobre

²⁸ Esse exercício de traçar todo um panorama da Mitologia, desde a Antiguidade até o seu estabelecimento como Ciência é feito por: BURKERT, Walter. **Mito e Mitologia**. Edições 70, LDA. Rio de Janeiro: edições 70, Perspectivas do Homem. Vol 40; DETIENNE, Marcel. **A invenção da Mitologia**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed, 1992. RUTHVEN, K.K. **O Mito**. Tradução de Esther Eva Hotivitz. – São Paulo: Perspectiva, 2010.

o inconsciente de Sigmund Freud (1856-1939) vão ser bastante revolucionários, pois davam ao Mito o caráter de pertencerem ao Consciente individual de cada indivíduo.

Baseado nos estudos de Freud, o psicoterapeuta Carl Gustav Jung (1875-1961) também via os mitos como projeção do inconsciente, mas do inconsciente Coletivo, como se fosse um “reservatório”, do qual todos nós somos familiarizados. Jung definiu um número de arquétipos que ele via como aspectos da psique de cada pessoa, e em sua estimativa, os caracteres que aparecem nos Mitos são versões desses arquétipos. A natureza coletiva da consciência humana, para ele, pode ser a razão pela qual encontramos características tão semelhantes nos Mitos de diferentes partes do mundo. Para Jung, é fundamental que haja uma distinção entre Arquétipos e Imagens arquetípicas, pois:

O termo ‘Arquétipo’, explica Jung, ‘não tenciona denotar uma ideia herdada, mas um modo herdado de funcionar, correspondente a maneira inata pela qual o pintinho emerge do ovo’. Nos Mitos e na Literatura encontramos meramente imagens arquetípicas. O que herdamos biologicamente na estrutura das células nervosas do cérebro, não são as imagens em si, mas a capacidade de fabricar tais imagens” (RUTHVEN, 2010. p. 33.).

Desde tempos imemoriais os seres humanos têm necessidade de explicar o mundo e principalmente suas origens, tanto do universo e dos deuses, quanto dos próprios seres humanos, para isso surgiram os mitos, as primeiras formas de narrativas cosmológicas. Esses Mitos de Criação podem surgir de várias formas e abordar diversos tópicos, juntos ou separadamente.

Essas “classes”de mitos podem ser, a Cosmogonia, ou seja, a origem do mundo, do *Kósmos*, do Universo, geralmente a classe mais comum de Mito de Criação, presente em todas as culturas; a Teogonia, literalmente a origem dos deuses, cuja exemplo mais conhecido é a *Teogonia* de Hesíodo, que narra o nascimento dos deuses gregos; e a Antropogonia, que é nada menos do que a origem dos seres humanos, um tema também muito caro aos povos da Antiguidade.

Nos grandes poemas da Antiguidade, alguns deles estudados nessa pesquisa, como a *Teogonia* e o *Enuma Elish*, funcionavam como importantes textos que eram recitados constantemente, no caso do *Enuma Elish*, em todo festival de ano novo, e que

abarcavam todas essas categorias. Em um só poema, encontramos a origem do mundo, dos deuses e dos seres humanos, enquanto que, na Teogonia a questão dos seres humanos seja aprofundada somente em *Os Trabalhos e os Dias*, uma espécie de continuação direta da *Teogonia*.

Não se pode entender as antigas religiões da Grécia, Babilônia, China e etc. sem entender sua Cosmologia, “O foco principal da Cosmologia é falar sobre as origens do Cosmos e dos seres humanos. Isto é, Cosmologia no mundo Antigo frequentemente incluía Cosmogonia, e as vezes Antropogonia[...]”²⁹ (FITZGERALD, 2013, p.3. tradução nossa).

Para a estudiosa Marie Louise Von Franz, “Os Mitos de Criação referem-se aos problemas mais básicos da vida humana, pois dizem respeito ao significado final, não só da nossa própria existência, mas da existência do cosmo inteiro”. (2011, p. 9). Por essa razão, para os povos da Antiguidade, sempre existia uma certa solenidade ao narrá-los e eram muitas vezes considerados uma classe diferente dos outros mitos e considerado o mais importante.

Isso explicaria o porquê de os antigos acreditarem em um certo aspecto ritual, mágico, nos mitos de Criação, e segundo Eliade, “[...] os Mitos de Criação em muitas civilizações eram repetidos em condições específicas” (apud.FRANZ, 2011, p, 27). Por exemplo, o *Enuma Elish* era sempre recitado no Festival de Ano Novo na Babilônia, tinha-se uma noção de que toda vez que era narrado como os deuses trouxeram a ordem para o mundo, a mesma ordem seria renovada.

[...] a palavra cantada tinha o poder de fazer o mundo e o tempo retornarem à sua matriz original e ressurgirem com o vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez. A recitação de cantos cosmogônicos tinha o poder de curar os doentes que os ouvissem em contato com as fontes originárias da vida e restabelecer-lhes a saúde [...]. (TORRANO, 1991 , p.19.)

29 Their concern is much more with the origins of the cosmos and of humans within it. That is, cosmology in the Ancient World often includes cosmogony, the genesis of the cosmos, and sometimes anthropogony, the origin of humans within this cosmos.

Esses Mitos, possuem certa característica, que já foi percebido por muitos estudiosos do Mito e da Religião, “[...]possuem certa elasticidade que permite a eles serem apropriados, adaptados e usados por diferentes grupos.”³⁰ (FITZGERALD, 2013, p.4) Ou seja, o mesmo mito pode aparecer em diversas sociedades com o mesmo tema central, mudando apenas os detalhes mais particulares.

As Cosmogonias (um tipo específico de mito de criação), são um gênero de mitos que compartilham o mesmo arquétipo, o mesmo padrão básico comum em quase todos os lugares do mundo. Se prestarmos atenção para a maioria das histórias de criação, notadamente chamadas de narrativas etiológicas, vamos perceber que em todas elas há a presença da Terra, do Céu, das águas primordiais, do vazio e do caos. “Depois de um casal, masculino-feminino primordial começar a procriar sexualmente, a cosmogonia é seguida pela Teogonia propriamente dita, que resulta no nascimento e nas relações familiares entre os deuses[...].”³¹ (LÓPEZ-RUÍZ,2012, p.31).

A estrutura das Cosmogonias pode proporcionar uma ideia de progressão de um Universo mais simples, para um mais complexo. Isto é, não foca apenas no nascimento dos deuses e do Universo, logo depois disso frequentemente existe o chamado “Mito de sucessão” em que há uma luta pela supremacia do poder entre os deuses, o que leva também à um relato sobre as origens da humanidade, que por sua vez, pode ser estendida em um relato sobre as genealogias humanas, como é comum na Mitologia dos gregos antigos.

3.2 O Método Comparativo

A *Mitologia Comparada*, como o próprio nome sugere, é a comparação de narrativas míticas de diferentes culturas a fim de mostrar semelhanças, características em comum e influências que nos ajudam a entender o desenvolvimento das religiões e como sociedades de diferentes partes do mundo compartilham os mesmos arquétipos mitológicos.

O maior nome da Mitologia Comparada e um dos maiores mitólogos de todos os tempos foi, Joseph Campbell (1904-1987). Ao longo de sua vida, que dedicou

30 [...] had a certain elasticity that enabled them to be appropriated, adapted and used by different groups.

31 After a primordial male-female couple starts procreating sexually, cosmogony is followed by Theogony proper, which unfolds to outline the birth and Family relations of the gods[...].

exclusivamente ao estudo dos mitos e religiões, Campbell utilizou os conceitos de Jung, Freud e Frazer, e trouxe para o mundo ocidental narrativas de culturas como a Índia, persa, chinesa e japonesa que até então eram desconhecidas do nosso imaginário e as comparou com os mitos e religiões do Ocidente, principalmente a religião cristã.

A genialidade de Campbell consiste principalmente em sua capacidade de fazer comparações e criar analogias entre mitologias distintas e inseri-las no contexto ocidental, imbuído da religiosidade cristã, religiosidade essa que não deixa de ser estudada e analisada por esse pesquisador (GROPPO, RODRIGUES, 2012, p. 56).

Campbell defende, em sua obra, que, o Ocidente viveu durante muito tempo sob a égide do Cristianismo, sendo essa a única religião levada em consideração por muitos séculos, fazendo com que mitologias e religiões, como a Hindu, chinesa, japonesa e médio-oriental fossem desconsideradas, não fazendo parte do nosso imaginário até hoje. Graças a um crescente interesse por outras culturas, iniciado nos últimos dois séculos, Joseph Campbell pode trabalhar com muitos mitos orientais e, mais importante, trazê-los para comparação com a mitologia cristã ocidental.

Para Campbell, Mito é “uma tendência inata humana de voltar-se para os enigmas da vida, para o grande mistério da existência. Em resumo, os mitos tendem a fornecer significados para a nossa existência” (Ibid. p. 57). Desse modo, a espiritualidade sempre esteve presente entre a humanidade e desde que surge a linguagem, surgem também os mitos e a produção de símbolos.

A produção de símbolos, compartilhados por diversas culturas, como já citado anteriormente, tem a ver com o Inconsciente Coletivo, que, ao longo de milhares de anos, produziu arquétipos compartilhados, ou mitologemas³² entre todas as culturas: o herói e o vilão, o sagrado e o profano, o bem e o mal, o masculino e feminino, o mago e a feiticeira e etc. Campbell cita muitos exemplos em sua obra.

32 A seguir, elencamos duas definições de **Mitologema**, conceito importante nos estudos de Mitologia Comparada e que nos foi essencial durante a escrita deste trabalho: 1) “conjunto de histórias míticas que traduzem a mesma temática” In: ALVARENGA, 2010, p. 15. 2) “elemento mínimo reconhecível de um complexo material mítico que é continuamente revisto, reformulado e reorganizado, mas que na essência permanece, de fato, a mesma história primordial” In: K. KENÉNYI. 1983. p. 15-17.

Um desses exemplos é o das culturas dos “povos pré-colombianos e mesopotâmicos. Sociedades desenvolvidas em tempos muito diferentes e de forma completamente independente entre si, mas que, ainda sim, compartilham características em comum, as pirâmides Maias e Aztecas são inegavelmente similares aos zigurates mesopotâmicos e possuem as mesmas funções de culto e sacrifício, sua posição também é alinhada meticulosamente com a Astrologia da época. Dessa forma, Campbell nos mostra que, “as crenças, os mitos e as religiões não são fenômenos isolados, mas partem de crenças que muitas vezes são partilhadas por toda a humanidade” (Ibid. p. 58).

Nesse ponto, nos é interessante discutir, não apenas sobre as comparações em si, mas sim, sobre a estrutura desses mitos de Criação e o trabalho do poeta de criar uma cosmogonia particular para representar uma determinada cultura e tentar descobrir o que é novo e o que é emprestado de outras narrativas etiológicas, pois, como afirma Joseph Campbell:

Uma coisa é analisar a gênese e difusão subsequente do patrimônio fundamental de todas as civilizações superiores de qualquer natureza; outro é para marcar o gênese, maturação e morte de vários estilos mitológicos locais: e um terceiro é para medir a força de cada estilo local, no contexto da história unitária da humanidade. Uma ciência total da mitologia deve dar atenção, na medida do possível, a todos estes três (CAMPBELL, 2007, p. 41).

Existem várias formas de se analisar o mito, bem como, diversas formas de fazer mitologia comparada, nem sempre a abordagem de comparação irá ser adequada ou correta. Outra coisa que se tornou uma regra em sua obra é que, “Se, por um lado, existem muitas semelhanças nos mitos, certamente há muito mais diferenças”, e isso é uma coisa que o estudioso do mito sempre deve ter em mente.

Na Teogonia de Hesíodo, vemos muitas passagens e elementos que vão muito além da simples comparação. Já chamamos a atenção de que os mitos são formados por muito mais diferenças do que similaridades, que apesar de o método comparativo ser um trabalho bastante importante e que traz luz à compreensão da Mitologia, isso não exclui, de forma alguma sua originalidade.

Percebemos até aqui como o método comparativo pode iluminar tanto a Mitologia de uma forma geral, quanto os clássicos gregos, mas fica a questão do porquê

esse campo de estudos ser tão recente nos estudos Clássicos. López-Ruiz irá dar dois motivos principais para essa questão, que seria, primeiramente a dificuldade nas transmissões dos textos escritos nos antigos sistemas de escrita, como por exemplo a escrita cuneiforme, e por último uma questão ideológica. (2014, p.157).

Os textos do Oriente Próximo Antigo, de certa forma “morreram” com as respectivas culturas que as criaram. Por outro lado, esses textos, escritos em argila, foram preservados por milênios, e com a explosão da exploração arqueológica no século XIX veio sua redescoberta.

As Civilizações do Antigo Oriente Próximo desapareceram por dois milênios, não tínhamos vestígios delas a não ser por alguns relatos na Bíblia, em Heródoto e outros escritos da Antiguidade, até que no século XIX uma série de escavações nos atuais territórios do Iraque, Irã, Anatólia e outros revelou todo um universo de possibilidades. Em 1872, o assiriólogo George Smith encontra uma série de tabuinhas de argila que viriam a ser o épico mais antigo do qual temos notícia até hoje. “Na segunda metade do século XIX foi possível ler a escrita cuneiforme acadiana, e isso levou ao entendimento dos textos sumérios e hititas”. (WEST, 1997, p.10).

Logo que foram descobertos, esses textos chamaram rapidamente a atenção dos estudiosos pelas marcadas semelhanças com algumas histórias da tradição ocidental, tal como a Bíblia, os poemas homéricos e o mito de Criação grego, mas por muito tempo essas questões foram ignoradas, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, em que houve tentativas de desconsiderar toda e qualquer influência semítica na Literatura grega por conta do forte antissemitismo dos países europeus, notadamente a Alemanha. Era muito mais adequado, nesse contexto, buscar influências nórdicas e traçar paralelos com a religião e cultura grega.³³

Não devemos considerar a cultura grega como algo isolado e imaculada de influências externas, muito pelo contrário, o que esses paralelos e estudos voltados para a relação Grécia/Oriente Próximo mostram é que, “Entendendo a cultura Grega como parte de um contexto mais amplo no Mediterrâneo, nós vamos estar melhor equipados

33 Em, López-Ruiz, C. Greek and Near Eastern Mythologies: A story of Mediterranean Encounters. In: Lowell, E. Approaches to Greek Myth. Baltimore: John Hopkins University Press, 2014, p. 156-157.

para se situar na discussão de contato e trocas culturais tomando lugar em outros campos além dos clássicos”³⁴ (LÓPEZ-RUIZ, 2014, p.154. tradução nossa).

Algumas considerações sobre o Método Comparativo, nesse caso, devem ser levadas em consideração. Primeiramente, Semelhança nas histórias não significa simplesmente Influência Cultural Outro dado digno de nota é o fato de que, não é objetivo primário da comparação verificar as origens.

Muitos mitos já analisados aqui, a maioria dos mitos da Antiguidade, como por exemplo o Mito de uma grande Inundação/Dilúvio são tão antigos e dispersos que se torna impossível precisar sua origem e seu percurso histórico. Em vez disso, a Comparação acaba se revelando a melhor maneira de entender e revelar aspectos antes nunca percebidos sobre a Mitologia e Religião de um determinado povo, lançando luz assim, para uma gama incrível de possíveis interpretações. Nesse caso, entendemos como parte muito importante do imaginário mítico dos gregos possui raízes muito antigas, que se encontram possivelmente em uma tradição milenar de povos Indo-europeus.

Uma solução buscada para evitar o perigo de traçar conclusões a partir de paralelos foi criada por Charles Penglase, o método consiste em dois passos. Primeiro deve haver evidência substancial e relevante interação cultural, segundo os paralelos devem seguir um rígido critério, que deve ser julgado a partir de conexões reais. Mesmo assim o perigo continua quando se trata do Oriente Próximo, isso por que não há um “sistema mitológico do Oriente Próximo”, mas sim numerosas tradições que existiram e foram mudando por um período de milhares de anos. É crucial que os mitos, que inspiraram os gregos, vieram de culturas que tiveram contato com os helenos. Dessa forma, os paralelos são traçados a partir de possibilidades reais, em vez de vagas similaridades que falam por si mesmas.

Quando as primeiras inscrições do Épico de Gilgamesh foram descobertas por George Smith no século XIX, esperava-se pouco que qualquer texto do Oriente pudesse chamar alguma atenção, mas à medida que os estudiosos perceberam os paralelos existentes entre a Ilíada e a Odisseia, por exemplo, a descoberta se tornou algo realmente notável.

34 By understanding Greek Culture in its broader Mediterranean context, we will be better equipped to situate it in discussions of Cultural contact and exchange taking place in fields other than Classics.

Halbold argumenta que a partir de então o Épico vem sendo tratado de forma isolada de outros textos de origem acadiana dos quais Gilgamesh dialoga direta ou indiretamente, como o *Enuma Elish*, o *Atrahasis* e o *Poema de Erra*

Uma vez que colocamos o Épico de Gilgamesh dentro do contexto de alguns outros textos babilônicos, dos quais Gilgamesh faz referência, ele se torna um texto diferente: não mais um Épico e certamente não mais grego, mas parte de um ciclo narrativo muito maior sobre os primeiros estágios do Universo, que começa com o nascimento dos deuses e a criação do mundo no *Enuma Elish* e termina com os eventos descritos em *Erra*. Gilgamesh, em outras palavras, torna-se uma peça central da história do mundo pela visão acadiana. (HALBOLD, 2002, p.8. tradução nossa)³⁵.

Quando colocamos o Épico de Gilgamesh e outros textos babilônicos/acadianos em um contexto coerente temos um início com o Poema da Criação do mundo, *Enuma Elish*, que avança para os acontecimentos do dilúvio no *Atrahasis*, Gilgamesh em si e a continuação com os eventos de *Erra*.

Da mesma forma, a *Ilíada* pode ser lida de forma semelhante, sendo que o Poema retorna para uma Era de luta entre os deuses, retratada na *Teogonia* de Hesíodo e no mesmo poema encontramos referências de uma Época mais além, uma fase pós-heroica, descrita em *Os Trabalhos e os Dias*, como no quadro a seguir:

É muito difundida a ideia de que os textos literários chegavam a um número grande de pessoas capazes de lê-los. Grande parte dos textos encontrados pelos arqueólogos são em sua maioria de conteúdo jurídico ou econômico, enquanto que os textos literários são muito raros e geralmente só havia uma cópia guardada em bibliotecas ou em Arquivos especiais, seja em templos ou palácios. A única exceção é a Biblioteca de Assurbanipal, que se acredita ter mandado catalogar todos os textos literários conhecidos da Babilônia.

35 Once we put it back in the context of some of the other Standard Babylonian narratives to which it alludes, Gilgamesh becomes a different text; no longer epic and certainly no longer Greek, but part of a much larger narrative cycle about the early stages of the Universe, which starts with the birth of the gods and the Creation of the world in *Enuma Elish* and ends with the events described in *Erra*. Gilgamesh, in other words, forms the centre-piece of the Akkadian history of the world.

Röllig chama atenção para o fato de que nem todos os textos que chegaram aos nossos dias eram conhecidos e difundidos nos períodos analisados muitas vezes erroneamente, de modo que não faziam parte da tradição oral e, portanto, não podemos traçar paralelos entre eles e os textos gregos. Por outro lado, “O Épico de Gilgamesh e outros clássicos acadianos deviam estar disponíveis em muitos palácios, templos e bibliotecas particulares na Assíria e Babilônia[...]”³⁶ (Rölling,2001, p.313).

3.3 O Paralelo com o Oriente Próximo

Alguns épicos focam na dominação dos deuses sobre os humanos, enquanto outros tentam forjar uma relação entre mortais e divindades. Gilgamesh, assim como os trabalhos de Homero, recebem uma divisão entre deuses e homens através de uma aventura heróica. Os Babilônios, no segundo milênio, refizeram alguns antigos trabalhos sumérios, como o *Atra-Hasis*, uma história com muitos elementos em comum com Gilgamesh (poema sumério). Como os épicos orientais foram então transmitidos para o oeste?

West postula que os micênicos, antes do período das trevas, tiveram um épico escrito na antiga linear B³⁷. Ele argumenta ainda, que os poucos fragmentos existentes revelam o uso do hexâmetro³⁸. Os Épicos da Mesopotâmia eram usados em métricas diferentes do padrão hexâmetro dactílico dos Épicos gregos. É quase impossível precisar de onde Homero tirou inspiração para a forma do poema, pois ele contém ambos os traços. Mas parece evidente que a forma narrativa do poema vem de exemplos da Mesopotâmia.

A Epopeia de Gilgamesh tem muitos correspondentes com a Odisseia de Homero. O conceito de uma *Nékuia*, aparece claramente no canto XI da Odisseia, era um tema comum na antiga tradição mitológica. *Nékuia* significando uma jornada ou o contato com o mundo dos mortos era predominante nos épicos heróicos do Oriente, como o é em Gilgamesh. A conexão entre pessoas vivas e mortas parece ser um aspecto

36 “The Gilgamesh Epic and other Akkadian Classics must have been available in many palaces, temples, and private libraries in Assyrian and Babylonia[...].

37 West, 1997, p. 158.

38 Ou hexâmetro heroico, é uma forma de métrica poética. É tradicionalmente associado à poesia épica, tanto grega, quanto latina, como por exemplo a Ilíada e a Odisseia de Homero e a Eneida de Virgílio.

natural de qualquer mitologia ou religião, mas a maneira específica que a *Nékuia* ressoa em Homero tem características encontradas no Oriente Próximo antigo.

Apesar do herói grego Odisseu não ir para o submundo, ele fala com importantes personagens que o ajudam em sua viagem de volta para casa. Ele prossegue para a ilha de Circe, onde ela o leva para evocar o espírito dos mortos. Da mesma forma, Gilgamesh atravessa o oceano com seu barqueiro, Urshanabi, com o intuito de encontrar Utnapishtim e a vida eterna.

A Odisseia na verdade apresenta elementos de outras sociedades em toda a sua extensão, na verdade, “Nós encontraremos material para muitas comparações em todo o poema, mas principalmente nas viagens de Odisseu”³⁹ (WEST, 2003, p. 402. tradução nossa), mas é em suas viagens que encontramos ainda mais paralelos. Vários estudiosos têm apontado para as semelhanças presentes nos dois grandes épicos, e em *The East Face of Helicon*, de Martin West é possível encontrar diversos paralelos entre os dois.

Apesar das similaridades entre as narrativas, muitas vezes bastante sutis, é frequentemente difícil identificar as divindades mencionadas pelos autores gregos, pois “a leitura fonética de muitos dos nomes de deuses babilônicos continua muito obscuro, e os autores clássicos frequentemente os substituem por divindades de sua própria mitologia, o qual eles imaginavam corresponder com os nomes babilônios”. (SMITH, 1876, p.9.). A maioria dos assiriologistas acreditam que os gregos, que mantinham contato frequente com os povos do mediterrâneo por meio do comércio, acabaram incorporando muitas de suas narrativas mitológicas, porém, muita coisa foi modificada, de modo que se adaptou a própria cultura grega.

Da mesma forma que na *Teogonia* é nos contado que, quando Zeus se estabelece como o rei dos deuses e assim toma o Olimpo como sua morada, formando assim um panteão com 12 deuses olímpicos principais, e que abaixo deles há uma série de outros deuses menores, na mitologia babilônica também encontramos um panteão formada por doze deuses e uma série de divindades inferiores. “Essas três divindades líderes (Anu, Hea e Bel) formaram membros de um círculo de doze deuses, também chamados “grandes”. (Ibid. p. 10.)

39 We shall find material for oriental comparisons in all of these, but above all in Odysseus wanderings

O Épico de Baal ou *Ciclo de Baal*, foi escrito por volta do século XIII a.C, na antiga Canaã. Em Canaã houve uma cidade chamada Ugarit, foi uma cidade porto muito importante no território que hoje é a Síria. Em 1928, ela foi escavada e então, foi dado a conhecer toda uma literatura e cultura dos séculos XIII e XII a.C. Acontece que Ugarit era acessível para qualquer viajante no mediterrâneo antigo. Servia como um porto de entrada principal para a Síria, assim ela era uma notável cidade cosmopolita.

Dentre essas descobertas, destaca-se o Ciclo de Baal, que descreve a base da religião cananita. É possivelmente um mito agrário, fundamento de um ritual de fertilidade. Partindo de uma breve descrição, Baal é a personificação da chuva, da qual a terra necessita para produzir fruto; o deus Mot é o grão, inchado pela água, quando os aguaceiros passam, Baal morre, deve sua substância ao grão que amadurece. Mas no momento em que o trono de Baal permanece vazio, no rigor do verão, Anat e a deusa solar recolhem piedosamente os restos do deus e preparam a reconstituição das nuvens.

É provável que os paralelos com a principal divindade grega, Zeus, vieram da região de Ugarit. Há amplas evidências arqueológicas que comprovam o contato com o Egeu. Assim como Zeus, Baal é uma divindade da tempestade que eventualmente assumia o poder sobre deuses e humanos. Seu nome, literalmente significa “senhor”. Ambos são patriarca de deuses, e cada um tem disputas com seus parentes. Isso não prova que os gregos foram influenciados pelas tradições de Ugarit, mas a relação é tão próxima que não pode ser relegada a mera coincidência.

As divindades da tempestade eram comuns no Oriente Próximo e na Grécia e representavam diversas funções religiosas, assim como também refletia preocupações com a agricultura. Mas o panteão dos deuses incluía um número significativo de deuses que representavam fenômenos naturais. Se Baal era o deus das tempestades, quem era o deus do sol? Para os Cananeus, era Shamash, para os gregos, Apolo. Cada um desses sistemas mitológicos tinham um deus para específicas características da natureza, como o sol, a lua, os mares e até personificações da morte.

Para os gregos, uma série de circunstâncias levaram Zeus à liderança dos deuses, as três divindades primárias do panteão grego eram Zeus, deus do céu Poseidon, deus dos mares e Hades deus do submundo. Similarmente, no Ciclo de Baal, existe um relato de três divindades que os cananeus reverenciavam, e que estavam constantemente disputando o poder, Baal, Yammu (a divindade do mar), e Mot (o deus da morte). No

texto Ugarítico, Yammu desafia os deuses para matarem Baal. Esse tema de disputa dos deuses pelo poder floresce na mitologia grega, particularmente na Teogonia de Hesíodo. Zeus ganha seu poder derrotando os titãs, uma geração anterior de deuses, mas ele só se torna o Senhor do Céu, dos deuses e da humanidade, trapaceando seus irmãos Hades e Poseidon.

Kaessner parte do pressuposto de que os gregos foram influenciados e tomaram alguns elementos orientais para sua mitologia e divindades, porém, acrescentaram muitas coisas, e tornaram as histórias mais agradáveis ao seu próprio gosto e estilo. Ele parte de três elementos principais para explicar essas trocas culturais: *Apresentação, Caracterização e Paradigma*.

A *Apresentação* diz respeito à forma como o mito nos é apresentado, geralmente em forma de poemas épicos, como por exemplo a *Ilíada* e a *Odisseia*. O épico de Gilgamesh e o *Enuma Elish* também são poemas, mas no caso não seguem a mesma métrica e o mesmo padrão dos poemas homéricos, quando dizemos que existe uma semelhança em sua forma de apresentação é porque ambos são poemas épicos que contam narrativas acerca de deuses e heróis. A caracterização dos deuses diz respeito a seus poderes, seu comportamento e seu relacionamento com a humanidade por exemplo.

O paradigma, trata-se do uso de divindades para explicar fenômenos naturais, porém, esse tipo de análise não é difícil de desenvolver, mas a hierarquia dos deuses revela a legitimidade da comparação entre Ocidente e Oriente. Os vários temas, ou paradigmas, como Kaessner nos apresenta, tornam possíveis várias conexões. O uso de cosmogonias e Teogonias é uma chave para entendermos o desenvolvimento desses mitos e uma abordagem metódica para a organização de um panteão mitológico. A *Teogonia* de Hesíodo fornece um dos mais compreensíveis exemplos da hierarquia grega, mas não é o exemplo original de tal tema.

Um desses paradigmas é a adição por parte dos gregos de “Divindades abstratas”. Era comum nas antigas sociedades do Oriente Próximo, ter diversas divindades que representavam fenômenos da natureza, embora essa tradição continue com os gregos, eles dão um passo à frente, pois também adicionam em seu panteão divindades abstratas, tais como discórdia, destino e justiça. Ao fazer isso eles estavam aptos a humanizar a mitologia. A adesão de certas regras e assuntos separam a humanidade dos deuses. Diminuem o significado das divindades em favor de uma posição mais privilegiada para os humanos.

Hesíodo reflete essa noção em os *Trabalhos e os Dias*, descrevendo o destino dos homens através da Cinco Eras. Esse tema também aparece na literatura persa e egípcia, mas Hesíodo adiciona um componente crítico. Uma das Eras é chamada de Era dos Heróis, como se referindo a época da Guerra de Tróia. Enquanto que a humanidade acaba desperdiçando seu poder e seus presentes divinos nas três eras anteriores, nessa época em particular os heróis eram nobres e justos. A ideia de que a humanidade se torna cada vez mais inferior com o passar das Eras é uma forma de Hesíodo exaltar o valor da justiça como uma necessidade para a humanidade. Homero e Hesíodo redefiniram os elementos da Mitologia. Eles diminuíram estritamente o propósito religioso da mitologia e a utilizou para dar lições aplicáveis para a humanidade.

Como já dito anteriormente, a *Apresentação* tem a ver com a forma do poema, se é poesia, épico, narrativa e assim por diante. É importante salientar que Épico não é simplesmente um conto sobre heroísmo individual, mas geralmente também envolve uma conexão entre homens e deuses. O exemplo mais antigo de poesia épica que se tem notícia é a Epopeia de Gilgamesh, cujos elementos da história datam do terceiro milênio a.C. “O que nele se narra é como Gilgamesh, o quinto rei de Úruk, depois do dilúvio, passa por experiências existenciais marcantes que o levam a compreender os limites da natureza humana” (BRANDÃO, 2017, p.13)

Os Gregos, a partir de Homero e Hesíodo, enfatizaram a existência de divindades abstratas, permitindo que as histórias tivessem um caráter mais humano, isto é, isso significou que os poetas acentuaram cada vez mais o papel dos humanos no mundo em vez de focar inteiramente no papel das divindades.

Os gregos possuíam uma variedade de deuses em seu panteão, passando dos tradicionais deuses da Tempestade e dos mares, para uma miríade de deuses menores, todos relacionados a algum fenômeno da natureza. Esses fenômenos não só englobavam os aspectos físicos do Cosmos, mas também o amor, sono, sonhos, morte e outros assuntos humanos. Além das características comuns dos homens e da natureza, eles adicionaram um número de divindades “abstratas”. Por exemplo, o sono pode ser descrito como um fenômeno da natureza humana, mas o mesmo não pode ser dito da justiça, um conceito que não tem definição clara, ou forma definida.

Os gregos usaram esses conceitos abstratos e os transformaram em divindades menores. A ideia por trás de enfatizar a importância dessas divindades está no papel que elas tiveram de tirar o foco da mitologia, dos deuses, e transferir para a humanidade. Dois desses claros exemplos, são as Musas e Thêmis, deusa da justiça, protetora dos oprimidos.

Hesíodo vê Themis (Justiça) como um aspecto crucial da moral humana (255-56), e com ela, Hesíodo promoveu um conceito filosófico a partir das cinco eras dos homens em *Os Trabalhos e os Dias*. Esse aspecto da Mitologia grega mudou o antigo propósito da mitologia, de uma forma de honrar o rei dos deuses (tema central da *Teogonia*) a uma lição moral de como o homem deve viver (questão fundamental apresentada em *Os Trabalhos e os Dias*).

Hititas	Babilônios	Gregos
Anu = Céu	Anu = Céu	Urano = Céu
Kumarbi	Pai de Ea	Pai de Cronos
Pai de Tesub	Pai de Marduk	Pai de Zeus

A evidência pode vir, como afirma Kaessner, “tanto da similaridade entre as histórias, quanto da linguagem utilizada”. O quadro comparativo⁴⁰ mostra as semelhanças nos relatos míticos de diferentes culturas que retrataram o famoso mitologema do “Mito de sucessão”, onde o filho acaba derrotando o pai e assumindo o poder

Inerente a essas cosmogonias está o conceito de Teomaquia. Os deuses nem sempre existiram, mas eles nasceram e em certo momento desafiam uns aos outros pela supremacia do Céu. Esse tipo de mito de sucessão era fundamental para ambas tradições mitológicas. Depois de mostrar a transmissão desses elementos do Oriente para o Ocidente, é possível olhar para exemplos específicos de paralelos míticos, ajudando a demonstrar seu fundamento oriental (KAESSNER, 2006, p. 6. tradução nossa).⁴¹

40 Baseado e adaptado do quadro apresentado por Martin West em seu livro *The East Face of Helicon*, p. 283.

41 Inherent in these cosmogonies is the concept of theomachy. The gods did not always exist, but they were born and ultimately challenged one another for supremacy of the heavens. This type of succession

Apesar de ser perigoso chegar a conclusões tendo por base unicamente paralelos, contando que tenha evidências históricas apoiando essa interação, certas semelhanças mostram o nível de influência que as sociedades assírio-babilônicas exerceram sobre os gregos. Para demonstrar isso, pegamos o exemplo do mito de sucessão de hititas, babilônios e gregos.

Na Teogonia, Hesíodo nos conta como Cronos chega ao poder derrotando o seu pai Urano e de como Zeus se torna rei dos deuses cumprindo uma profecia de que mataria seu pai e ocuparia seu lugar:

pois soube da Terra e do Céu constelado que lhe era destinado por um filho ser submetido apesar de poderoso, por desígnios do grande Zeus (v. 463-5).

Podemos notar semelhanças na Mitologia dos hititas que inclui o que viria a ser chamado de “realeza do céu”. Apesar da história completa ser desconhecida, o mito da “realeza do céu” carrega muitas similaridades com a *Teogonia*. O primeiro deus do céu, Alalu, é derrotado por Anu, que assume seu papel. Seu copeiro, Kumarbi, desafia Anu e corta seus genitais e os engole. Assim que ele faz isso, dá origem a três divindades: Tesub, Tigres e Tasmisu, cuspiendo os dois últimos. Tesub, foi cortado de seu corpo e tornou-se a divindade da tempestade, de acordo com o mito hitita.

Quando analisamos em conjunto o *Enuma Elish* e a *Teogonia*, percebemos uma série de coisas interessantes, que não nos remetem apenas as similaridades entre os dois poemas, mas também para a particularidade de cada um deles. No início do “*Enuma Elish*”, por exemplo, o poema se inicia com “Quando”, ou seja, os babilônios aludem a um período em que há ausência de nomes, a ideia de “Criação por nomeação” também presente em Gênesis. Uma ausência de nomes significa também, ausência de linguagem e, portanto, ausência de humanos e deuses para formular a linguagem.

Ao compor a *Teogonia*, Hesíodo estava dialogando diretamente com a tradição do Oriente Próximo, como afirma López-Ruiz, “A Cosmogonia de Hesíodo é

myth was key to both Greek and Near Eastern traditions. After showing the transmission of these elements from the east to West it is possible to look at specific examples of parallel myths, helping to show the veracity of the Near Eastern foundation.

única, pois foi a primeira a ter uma noção de autoria”⁴². Diferente do *Enuma Elish*, Hesíodo opta por uma introdução (ou proêmio), no qual ele lida com temas como inspiração e mistério. A partir desse momento Hesíodo estabelece algo completamente diferente das demais Cosmogonias, ele estabelece uma conexão direta com o Olimpo, assumindo um papel de mero mediador, que recebe inspiração divina das musas para cantar a história dos deuses.

Enuma Elish	Teogonia
Quando não havia firmamento, nem terras, alturas, profundezas ou sequer nomes, Quando Apsu estava sozinho, Ele, as águas doces, o iniciador da criação, e Tiamat, as águas salgadas, e útero do Universo, quando não existiam os deuses. (tabuinha I, v. 1-7)	Pelas Musas Heliconíades começemos a cantar. Elas Têm Grande e Divino o Monte Hélicon, em volta da fonte violácea com pés suaves dançam e do altar do bem forte filho de Cronos... (v. 1-4)

O próprio conceito de “Criação por nomeação” parece simbolizar uma ideia contra intuitiva, pois não existia nomes e os deuses parecem existir e serem nomeados a partir do nada, e o poeta canta os acontecimentos antes da raça humana existir. Hesíodo, por sua vez, dá uma solução para esse problema. Na Teogonia, “O Poema começa com a Invocação às deusas musas[...] e conclui com a súplica às Musas de que cantem a origem dos deuses, e digam quem ‘dentre eles primeiro nasceu”. (TORRANO,2012, p.30.)

Assim, Hesíodo transfere para as musas a tarefa de contar o que se passou na origem, entre os deuses, já que Hesíodo ou qualquer outro mortal não poderiam saber dos mistérios, pois eles não estavam presentes, não haviam surgido ainda, assim as musas cantam para os deuses no Olimpo a Teogonia, do mesmo modo que o aedo, através das musas, tem a tarefa de cantar e narrar o mesmo poema para os mortais.

Parece ter existido na Idade do Bronze uma ligação profunda com a famosa Idade dos Heróis, recuperada muito tempo depois, pelo poeta Hesíodo em *Os Trabalhos e os Dias*. Acontece que, Hesíodo foi o primeiro a perceber que o aparecimento dos

42 Ver, LÓPEZ-RUIZ,2012, p.39 e o comentário de Jaa Torrano a Teogonia (TORRANO,1995.) para mais informações sobre a questão da autoria dos poetas gregos Homero e Hesíodo no século VIII a.C.

heróis, ou semideuses, como o são conhecidos na Grécia, tiveram com a era que hoje conhecemos por Idade do Bronze. Dentro de seu esquema de Cinco eras, quase todas relacionadas a um metal, temos a Idade dos Heróis, que nada tem haver com tecnologia, na verdade “[...] tem também suas origens no Oriente, e provavelmente o poeta está importando uma história que ele conhece de algum outro lugar, fazendo-lhe adaptações que sirvam a seus diferentes propósitos.” (LAFER, 2019. p.73.)

Observamos que o tema central desse mito é a deterioração moral, que a cada nova era se mostra cada vez maior e os humanos passam sucessivamente a sofrer com a perda da imortalidade, da juventude longeva, da glória e da honra. O único contraponto aqui é justamente a raça dos heróis, que é a única a ser melhor que a sua antecessora, a Era de bronze.

Segundo os estudos de Martin West, é na Mesopotâmia que se origina essa estrutura do Mito das Cinco Eras, “[...] e de lá espalharam-se entre os persas, os judeus, os hindus e os gregos. Hesíodo foi, por sua vez, a fonte única para os outros gregos e para os romanos [...]” (WEST. apud. LAFER, 2019. p.75).

O que Hesíodo de certa forma assinala em *Os Trabalhos e os Dias*, não parece estar totalmente desconectado da realidade, pois, houve uma profunda mudança na autoimagem masculina durante a Idade do Bronze. Encontra-se nesse período, pinças e lâminas, ou seja, uma ênfase na ornamentação do corpo masculino, podemos citar ainda, a glorificação da guerra e da caça e o culto da beleza do guerreiro. Todas essas características são facilmente identificadas em Homero, na descrição de guerreiros como Aquiles, Heitor, Ulisses, Agamenon, etc. e em sua descrição gloriosa da Guerra de Tróia.⁴³

O Mito de Prometeu e Pandora nos é muito familiar e nos chegou por meio de dois relatos do poeta Hesíodo, um na *Teogonia* e o outro em *Os Trabalhos e os Dias*, apresentando poucas diferenças entre si. O mito da criação de Pandora faz parte de todo um conjunto de crenças relacionados ao tema da criação da Humanidade, uma das estruturas narrativas mais frequentes na mitologia em geral. Na *Teogonia* ela é apresentada como um exemplo da supremacia de Zeus.

43 Ver, KRIWACZEK, Paul. Babilônia: A Mesopotâmia e o Nascimento da Civilização. Tradução Vera Ribeiro. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 148-150.

Em todos os aspectos do Mito podemos traçar paralelos com os Mitos do importante deus mesopotâmico Enki. Esses mitos sobre Enki envolvem a tradição mesopotâmica da criação e história primitiva da Humanidade. Existem numerosas semelhanças entre o Mito grego e Épico de Atrahasis (Poema do Supersábio), a mais abrangente e significativa obra na tradição mesopotâmica com a temática da criação dos homens.

Na *Teogonia*, Hesíodo nos conta que a partir de Pandora, vem a raça das mulheres, uma calamidade para os homens mortais, companheiras apenas na riqueza, não na pobreza. Zeus criou as mulheres para serem um mal inescapável para os homens e para ser uma fonte inabalável de pesar. Prometeu tece artimanhas contra Zeus e este o castiga dando à humanidade a primeira mulher.

Hesíodo nos conta exatamente a mesma história em *Os Trabalhos e os Dias*, mas difere em alguns aspectos, particularmente no tratamento da criação de Pandora e em suas consequências. “Enquanto que o objetivo principal do relato da Teogonia é ilustrar o aspecto autoritário de Zeus, que se rebela com a atitude de Prometeu e o castiga, o propósito inicial de *Os Trabalhos e os Dias* é explicar quando os homens passaram a sofrer e labutar tanto para viver” (PENGLASE, 2005, p.168. tradução nossa.⁴⁴)

Penglase aponta que, a combinação de deus e deusa, nesse caso, Hefesto e Atena, na criação e o mito da criação apresentado aqui, tem paralelos diretos com os mitos nos quais Enki cria a humanidade, em cooperação com a deusa Ninmah (2005, p.169.). No mito Enki e Ninmah, por exemplo, Enki planeja modelar a figura do homem a partir da argila, e a deusa mãe, acompanhada por Ninmah e várias outras deusas, dá a ele a vida, e seu destino na sociedade é estabelecido.

No Épico de Atrahasis, outra narrativa em que Enki é uma figura central, Enki opera junto à divindade Mami para criar a humanidade, e seu método é também um paralelo direto com o método usado na criação de Pandora. Enki usa a argila e modela as figuras do homem e mulher, e a divindade os dá a vida, com a ajuda de outros deuses, tal qual em Hesíodo. Hefesto mistura terra e água para criar a argila, e modela a

44 While Hesiod's main purpose in the Theogony account is to illustrate another aspect of the authority of Zeus, the initial purpose of his narration in *Works and Days* is to explain why men have to toil so hard for their living.

figura de uma mulher, e Atena completa a tarefa da sua criação vestindo-a e adornando-a. Já em *Os Trabalhos e os Dias*, ela é assistida por outras divindades (v. 60-6).

No Mito de Pandora, a criação é especificamente da primeira mulher, e isso parece ser o tema de Enki e Ninmah. A mesma ideia da criação de uma mulher tomando lugar depois da criação do homem é mostrada aqui, já que, uma existência anterior do homem parece ser assumida na Teogonia. Em Enki e Ninmah, a criação da primeira mulher é o resultado de uma competição entre Enki e Ninmah, em um banquete no qual é celebrado a criação do homem para assumir o fardo de trabalhar para conseguir alimento. No Épico de Atrahasis, homem e mulher vêm à existência ao mesmo tempo. (PENGLASE, 2005, p.170. tradução nossa.⁴⁵)

O papel de Zeus na criação é idêntico ao de Marduk na criação no *Enuma Elish*. Esse mito substitui o papel que Enki exercia na criação no Épico de Atrahasis, e o atribui a Marduk. Como a tradição presente no Épico de Atrahasis, Enki concebe a ideia de criação e o método de trazer os seres humanos à vida, e cria a humanidade com a ajuda de outras divindades. No Épico de Marduk (*Enuma Elish*), Enki/Ea, continua com o papel de “artesão” da criação – misturando água e argila – mas o papel de idealizador é passado para Marduk, afirmando que ele a planejou.

Comparativamente, em Hesíodo, Zeus ordena a criação e ela é apresentada como seu plano, em *Os Trabalhos e os Dias*, ele reivindica até mesmo a criação de Pandora, enquanto Atena e Hefesto, de acordo com o padrão apresentado nos mitos de Enki, que realmente fazem o trabalho “manual” da criação. A cooperação no trabalho da criação entre o deus principal e outras divindades em Hesíodo corresponde aos Mitos de Enki, ao contrário do Épico de Marduk, em que as divindades são omitidas, por alguma razão, na cena da Criação. Os vários elementos do relato grego, portanto, ressoam nas versões da tradição mesopotâmica apresentados nessas diferentes fontes.

Ao contrário do que se pode pensar, as pessoas do Antigo Oriente Próximo normalmente só ouviam os mitos de criação em rituais e ocasiões especiais. *Illuyankas*

45 In the Pandora Myth, the creation is specifically of the first Woman, and this seems to be a feature of Enki and Ninmah. The same idea of woman’s creation taking place after the creation of man is involved here, as the prior existence of men appears to be assumed in the Theogony. In Enki and Ninmah, the creation of the childbearing Woman is a result of a competition between Enki and Ninmah, at a feast which is being held to celebrate the creation of men to take over the gods’ burden of toiling for food. In the Atrahasis Epic, men and women come into existence at the same time.

era o culto da lenda do Festival hitita de Pirulli, enquanto que o *Enuma Elish*, como já citado anteriormente, era recitado apenas durante o Ano Novo na Babilônia. Na Grécia, por outro lado, poemas com relatos (muitas vezes fragmentados) da criação podiam ser recitados, muitas vezes em forma de canto, em festivais e também nas cortes de reis e aristocratas.

Quando analisamos qualquer Cosmogonia, é interessante notar que quase todas elas possuem o tema do ‘primeiro elemento ou princípio’, e nas cosmogonias do mundo antigo muitas vezes, esse primeiro elemento era a Água, ou seja, o mundo surgia a partir da água ou era o primeiro elemento a ser criado. No *Enuma Elish* temos *Tiamat* (água salgada) e *Apsu* (água doce) como divindades primordiais, os Egípcios tinham *Num*, as águas primordiais, da mesma forma alguns gregos também imaginavam o começo do mundo a partir da água, bem como os israelitas. Ambos gregos e Israelitas tomaram emprestado a ideia da água como elemento primordial da tradição mesopotâmica.

Outra semelhança fundamental que atesta a influência exercida pelos assírios-babilônicos é o mito do nascimento de Afrodite. Relacionando-se com a deusa assíria Ishtar, o mito de Afrodite sugere que, diferente dos outros deuses olímpicos, ela veio de uma tradição diferente.

Afrodite é uma figura interessante na Mitologia Grega. Apesar de ser um dos doze deuses olímpicos, em que a maioria veio de uma linhagem de Cronos, seu nascimento veio antes de Zeus. De acordo com a *Teogonia*, essa antiga aparição sugere que Afrodite aparece antes do restante dos Olímpicos. Um dos melhores exemplos na mitologia oriental, é a deusa suméria Inanna/Ishtar, que aparece no épico de Gilgamesh.

Assim como Afrodite, Ishtar é a deusa do amor e é filha de uma divindade que representa o céu. Há uma cena em particular na *Ilíada* que mostra o quão próximas as duas estão. No canto V da *Ilíada*, Afrodite é ferida por Diomedes quando ela tenta proteger seu filho mortal, Enéias. Ela então volta para o Olimpo e reclama para seu pai, Zeus⁴⁶ sobre a ofensa que sofrera. “Pois não é entre Troianos e Aqueus o combate tremendo, mas já os Dânaos combatem contra os deuses imortais.” (v. 379-80). Similarmente, quando Gilgamesh derrota Humbaba, protegido de Ishtar, ela retorna a

46 Essa é uma das inconsistências entre Homero e Hesíodo. Em Homero, Afrodite é filha de Zeus, enquanto que em Hesíodo ela nasce antes de Zeus. Enquanto que nenhuma das narrativas se provar falsa, isso pode ser um indício que os poetas usaram a mesma figura para explicar diferentes histórias

seus pais, Anu e Antu, para reclamar e pedir por vingança. “Pai, Gilgamesh tem-me insultado, Gilgamesh tem contadas minhas afrontas, Minhas afrontas e maldições” (tabuinha VI, v. 84-86).

Burkert aponta que não apenas as narrativas são as mesmas, mas a situação também é idêntica. As deusas do amor aparecem para seus pais, ambas divindades do Céu, após sofrerem injúria por um homem mortal. Ele explica que, apesar de popular, a história do nascimento de Afrodite, esse episódio com Dione (deusa grega, mãe de Afrodite) tem um lugar de valor na mitologia. O nome Dione em grego é o feminino de Zeus, paralelamente, Antum, é a forma feminina de Anu. Isso sugere que Homero contou com a narrativa de Gilgamesh para compor esta cena de seu poema. Também fornece uma evidência bastante útil que Afrodite, na realidade, deriva de uma deusa mesopotâmica muito mais antiga.

Nos voltemos agora para a figura da deusa grega *Afrodite* e suas contrapartes no Oriente Próximo. Na Teogonia, Hesíodo narra o nascimento de Afrodite da seguinte forma, Cronos cria um estratagema para usurpar o trono de seu pai Urano e libertar Gaia, que naquele momento presa por Urano estava prenha de diversas divindades sem que essa pudessem sair de seu ventre. Cronos então, furtivamente munido de uma foice, corta os genitais de seu pai e os lança ao mar, os respingos de sangue que caem sobre a Terra dão origem às Erínias e os gigantes e da espuma que se forma na água:

“Espuma da imortal carne ejacula-se, dela
Uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina
Atingiu, depois foi à circunfluída Chipre
E saiu veneranda bela deusa, ao redor relva
Crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
Apelidam homens e deuses, porque da espuma
Criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Cípria porque nasceu na undosa Chipre”
(v. 191-9).

Logo que a tradição Homérica e Hesiódica estabelecem a ilha de Chipre como suposto local de nascimento de *Afrodite*, a ilha toma a deusa como sua principal divindade e passa a prestar diversos cultos e homenagens para ela. Segundo a tradição, *Afrodite* incorpora a sexualidade, o amor carnal, a fertilidade e os prazeres sensuais. Evidências atestam a aparente influência de determinadas divindades do Oriente Próximo, tais como *Inanna/Ishtar* suméria e *Anat, Astarte e Asherah* Canaanita/Fenícia.

Essas divindades possuem em comum, cerca de três esferas primárias de influência: sexualidade, fertilidade e ferocidade, de acordo com Serwint, (2002, p.325). Essas deusas refletem uma gama de papéis associados com a figura da mulher e muniram a deusa Cipriota com um espectro de qualidades com as quais ela pôde revelar suas múltiplas variedades, e que mais tarde dariam origem à deusa Afrodite.

Chipre é uma ilha localizada na Bacia do Levante, na parte mais oriental do Mar Mediterrâneo, considerada europeia por muitos e fazendo parte da União Europeia, Chipre durante a Antiguidade estava longe de ser Ocidental, “dadas as circunstâncias de sua Geografia e localizada entre o mundo grego e as civilizações do Oriente Próximo, a ilha era afetada por diversas influências culturais”⁴⁷ (SERWINT, 2002, p.325)

Devido à extensa influência do Oriente Próximo em Chipre durante a Era de Bronze e de Ferro na Antiguidade, a divindade adorada em Chipre recebeu cada vez mais influência do culto da deusa suméria Inanna, e sua posterior representação acadiana Ishtar, bem como das divindades Astarte, Anat e Asherah do panteão canaanita/fenício.

O panteão Sumério ocupa um lugar muito importante no contexto das religiões do mundo antigo, quase todas as concepções antropomórficas de divindades que haviam circulado amplamente, e em várias culturas – Acadiana, Babilônica, Assíria, Canaanita e Israelita – todas estiveram em débito com o panteão sumério pela subsequente criação de suas próprias divindades.

A mais importante deusa da antiga Suméria era Inanna. Seu nome deriva de “Ninana”, significando “dama do Céu”, era conhecida como filha de Anu, o líder dos deuses e governante do Céu. Aqui, já percebemos uma das muitas relações entre Inanna e Afrodite, já que ambas descendiam diretamente do pai dos deuses – Anu; Zeus.

Inanna era adorada em muitas regiões, mas a cidade principal de seu culto era Uruk. Seu templo era conhecido como E-anna (a casa do céu) e seu culto possui registros de desde o quarto milênio a.C. Kriwaczek, chama a atenção para a grande popularidade de Ishtar ainda no período Assírio, “A deusa Ishtar de Nínive, mãe, virgem e prostituta

47 Given the circumstances of Geography and poised between the Greek world and the civilizations to the east, the island was affected by diverse cultural influences.

cujo planeta era Vênus e cujo símbolo era uma estrela de oito pontas, era famosa em todo o Oriente Próximo” (2018, p. 268)

Inanna, como já mencionado anteriormente é seu nome Sumério, vale destacar que a maioria dos textos que chegaram até nós, é de tradição Assíria e, portanto, é muito mais comum o uso de seu nome Acadiano, ou seja, ela também era conhecida pelo nome de Ishtar, é assim que ela aparece nos textos religiosos assírios.

Muitas divindades mesopotâmicas possuíam uma característica que mais tarde iria ser retomada por outras sociedades no mundo antigo, os deuses não possuíam uma única face, possuíam um lado benévolo e um maligno e assim era muitas vezes retratada também Inanna. Suas esferas de influência eram diversas, sugerindo um sincretismo derivado dos diferentes locais de adoração.

Dentre alguns dos poemas que nos chegaram da tradição Mesopotâmica, temos um bem interessante chamado “*Inanna e o deus da Sabedoria*” ou “*Inanna e a Ordem do Mundo*”, esse poema narra como Inanna recebeu vários poderes provenientes do deus Enki, deus conhecido por ser o amigo da humanidade e detentor dos dons da Civilização, ao persuadir Enki a lhe revelar o segredo de seus poderes, ela se torna uma das deusas mais poderosas e cultuadas da Civilização Suméria.

Inanna, sem dúvida usando seus encantos sexuais, consegue arrancar de Enki mais de uma centena de componentes do seu *Me* – aquilo que Kramer, o primeiro a traduzir essa epopeia, descreveu nesse ponto como os “decretos divinos que são a base dos padrões culturais da civilização suméria”. (KRIWACZEK, 2018, p. 51)

Podemos interpretar essa história de diversas maneiras, apesar de se tratar de uma obra literária, podemos ver que ela tenta mostrar como Uruk (lembrando que a deusa Inanna/Ishtar era patrona da cidade) aprendeu as artes da civilização com Eridu (cidade onde supostamente Enki teria ensinado os homens a prática civilizatória). O texto também tinha, “[...] a clara intenção de louvar a grande Deusa, de demonstrar sua astúcia superior[...]” (Ibid. p.53).

São dados a Inanna jurisdição em diversos aspectos, como já vimos anteriormente, porém, sua autoridade pode ser categorizada primariamente em três esferas – sexualidade, fertilidade e proeza militar – e essas esferas foram as que se tornaram presentes primeiramente na deusa Afrodite.

3.4 Teorias de Influência e Transmissão Cultural

Já foi observado por muitos estudiosos que o tema central da *Ilíada* é muito semelhante ao tema presente em *Gilgamesh*, nele temos também um herói, semideus, no caso *Gilgamesh* sofrendo pela morte do seu melhor amigo *Enkidu*, e não só isso, *Aquiles* e *Gilgamesh* compartilham a mesma preocupação com a morte, ambos sabem que vão morrer e ambos passam o poema questionando sobre isso.

Esse tipo de correlação se tornou muito comum, desde o descobrimento das tabuinhas de escrita cuneiforme dos antigos povos mesopotâmicos, feitas por estudiosos e entusiastas europeus tais como *Austen Henry Layard* e *George Smith* no século XIX e desde então. No entanto, esses paralelos eram quase que exclusivamente relacionados com as narrativas do Gênesis bíblico, já que, similaridades com o tema bíblico do Dilúvio forneceram inegavelmente uma prova de que tais narrativas como o do Dilúvio bíblico possuíam origem muito mais antigas.

O alfabeto fenício não fora introduzido no Peloponeso antes de 800 a.C. mas é possível que ele foi se desenvolvendo gradualmente nos anos posteriores quando os gregos se tornaram uma sociedade mais ativa no comércio do Mediterrâneo. A escrita foi uma inovação comercial para os gregos do período arcaico. Mas também foi importante por um outro motivo, a preservação da tradição oral, que possibilitou com que os Épicos de *Homero* e *Hesíodo* fossem passados para o domínio da escrita durante meados da mesma época em que a escrita foi incorporada no mundo grego.

A fonte de contato entre Oriente e Ocidente é uma matéria relevante para debate, até mesmo a região de interação pode determinar o quanto os antigos gregos assimilaram os mitos de outras culturas além do Mar Egeu. A visão tradicional sugere que os dois poetas épicos, *Homero* e *Hesíodo*, formularam seus poemas, baseados em tradições orais oriundas da *Anatólia*.⁴⁸

Certos estudiosos, como *Martin West*, discordam com esta afirmação. *West* defende que *Eubeia* foi crucial para a composição dessas elaboradas mitologias, em vez da *Anatólia*⁴⁹. Durante a “Idade das trevas”⁵⁰ grega, evidências arqueológicas comprovam

48 Região onde hoje se localiza a Turquia.

49 WEST, 1988, P. 171.

50 A idade das trevas é caracterizada pela inutilização da escrita durante três séculos aproximadamente e pela reconstrução da sociedade grega.

que Eubeia⁵¹ prosperava no comércio com os povos do Mediterrâneo Oriental, como o Levante⁵² por exemplo. A influência das culturas orientais prosperava no ambiente comercial de Eubeia, trocando não apenas mercadorias, mas também histórias de diferentes sociedades.

As religiões do Egeu apresentam muitas semelhanças com as do Oriente Próximo. Cada vez mais está se formando um consenso entre os estudiosos da religião grega de que a Influência de outras culturas, notadamente as do Oriente Próximo é a mais provável explicação para alguns elementos da famosa mitologia Ocidental.

López-Ruiz explora o relacionamento dinâmico que existia entre Fenícios e gregos, eles também compartilharam mitos e ideias religiosas. Durante os séculos VI e VII a.C, muitos Fenícios se mudaram do Oriente e fundaram colônias em outras regiões (como por exemplo Cartago, no Norte da África) e provavelmente também se estabeleceram em cidades gregas, em pequena escala. É precisamente nesse período (750-650 a.C.) que as influências orientais aumentaram nas artes, nos mitos e na literatura gregas. Walter Burkert também fala sobre a “cultura literária da Antiga Síria” como a ponte que possibilitou o contato direto entre gregos e as tradições mitológicas do Oriente Próximo.

Durante as últimas décadas, escavações arqueológicas na antiga cidade de Ugarit, hoje conhecida como Ras Shamra, na Síria, revelaram uma riqueza de textos da antiga religião dessa cidade. Apenas em Ras Shamra foram encontradas cerca de 17 bibliotecas e mais de 1500 textos. Dentre esses textos se encontram cópias do Épico de Gilgamesh e da versão Mesopotâmica do Dilúvio.

O que mais impressiona, quando entramos em contato com a história de Ugarit é que ela é, uma mistura das culturas cananéia, síria, egípcia, mediterrânea e Mesopotâmica. Ugarit prosperou ao se tornar um lugar de encontro dos povos do Antigo Oriente Próximo”. (MOURA,2016, p.6.) Ou seja, durante séculos Ugarit representou uma cidade vibrante e cosmopolita, região de comércio, construção de navios e de utensílios de cobre para toda a região do Oriente e também para os povos do Mar Egeu. Tal contexto oferece muitas oportunidades para troca cultural: Porcelanas Micênicas

51 Eubeia é uma ilha da Grécia, localizada na periferia da Grécia Central.

52 É o termo geográfico impreciso que se refere, historicamente, a uma grande área do Oriente Médio ao sul do Monte Tauro, limitada a oeste pelo Mediterrâneo e a leste pelo Deserto da Arábia setentrional e pela Mesopotâmia. De uma forma geral, a região se resume à Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e ao Chipre.

encontradas no Porto marítimo de Ugarit mostram que as trocas entre Micênicos e os povos da banda Oriental do Mediterrâneo eram próximos e frequentes.

O comércio com a Micênia teria fornecido oportunidades para a introdução de muitos deuses Sírios. [...] As pessoas da Síria-Canaã foram por muito tempo encarregadas pelo transporte de carga do Egito a Mesopotâmia, Chipre, o Levante e o Egeu. (NOEGEL,2006 p.27 Tradução Nossa).⁵³

É bastante provável, que em meio a toda essa importância que Ugarit representava, especialmente entre os XV e XIV a.C até a sua destruição no século XII a.C, sua importância cultural e religiosa tenha sido espalhada por muitas regiões. No panteão de Ugarit, os reinos são divididos entre as divindades Baal, Yam e Mot. Baal governa o céu, Yam o mar, e Mot o submundo” (MOURA,2016, p.9.), no panteão grego, também temos uma tríade de divindades compartilhando os reinos do mundo, Zeus domina os Céus, Poseidon os mares e Hades o submundo.

No Ciclo de Baal, épico encontrado em Ugarit, podemos traçar diversos paralelos entre o panteão ugarítico e o panteão grego, Baal, Yam e Mot são filhos de uma mesma divindade e ambos batalham pelo domínio dos Reinos, da mesma forma que encontramos na *Teogonia* de Hesíodo. Esses paralelos, juntamente com o fator da importância e influência que Ugarit exerceu no mundo Antigo podem representar uma confiável fonte de comparação entre essas duas tradições.

A partir do século VII a.C. o contato entre o mundo Egeu e as sociedades do Oriente Próximo se torna muito mais óbvia e raramente há debates em relação a isso (NOEGEL, 2006, p. 30.). O que acontece a partir de então, é que, uma série de Acordos Internacionais, alianças e guerras entre esses povos vão ser cada vez mais frequentes. Mercenários Egeus podem ser encontrados no Egito, Levante e nos exércitos mesopotâmicos.

A Pérsia, quando se torna uma verdadeira potência no Oriente Próximo, faz alianças com Esparta, contra a Babilônia na guerra que se trava entre as cidades-estado gregas e a Pérsia. É nesse momento que os contatos entre Leste-Oeste aumentam cada

53 Mycenaean wares found at the seaport of Ugarit show that exchanges between Mycenaens and the peoples of the eastern edges of the Mediterranean were close and frequent. Ongoing trade with Mycenae would have provided opportunities for the introduction of Syria's many gods.

vez mais e de forma inegável. Encontramos, já no século V a.C. as Mitologias do Oriente Próximo sendo um tema de discussão entre os sofistas atenienses, no auge do período clássico grego.

Já a partir do período Helenístico, com as Conquistas de Alexandre (356 a.C. – 323 a.C.), os helenos começam a igualar os deuses das terras estrangeiras conquistadas, numa tentativa que os estudiosos consideram ser uma forma de tentar não apenas influenciar, mas também exercer influência na religião desses povos. O deus Apolo era identificado com o deus Sírio-Cananeu Baal, Zeus com o deus egípcio Amon-Rá, Afrodite com a deusa mesopotâmica Ishtar, Deméter com Isis e assim por diante.

Sabemos que a influência egípcia nos gregos do período helenístico foi enorme, sendo o próprio Alexandre sendo identificado como uma espécie de Faraó, porém, o mesmo não aconteceu com os povos conquistados, que mantiveram sua religião original e não foram muito influenciados no que se refere a Religião grega.

O período Assírio, já nos séculos finais da História do Antigo Oriente Próximo, corresponde ao período que Walter Burkert entende como o de Orientalização da Grécia, isto é, o período que a Hélade mais recebeu influência oriental nas artes de uma forma geral.⁵⁴ Entretanto, é preciso lembrar que a História da Mesopotâmia teve cerca de 3.000 anos de idade, e muito antes do século VII a.C., as sociedades do Oriente Próximo estavam se sucedendo umas às outras por meio de conquistas, invasões e migrações, criando desta forma um intrincado conjunto de influências, ou seja, a medida que cada novo povo se sucediam no poder da cidade-estado da Babilônia, por exemplo, ele incorporava toda aquela cultura anterior e ao mesmo tempo a modifica criando assim algo novo e familiar ao mesmo tempo.

54 Sobre a Orientalização da Grécia a principal obra, e pioneira do assunto é, BURKERT, Walter. *The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos compreender, portanto, como se deu a influência exercida pelos povos do Antigo Oriente Próximo, notadamente os Assírios/Babilônios sobre os povos gregos. Analisamos alguns paralelos entre as narrativas míticas principalmente usando como fonte, a *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo e o *Enuma Elish* babilônico, que se constituem como evidência de que os poemas épicos gregos “tomaram emprestado” muitos elementos de fora de seu território.

Tanto a Mitologia Grega quanto a mitologia dos Povos do Oriente Próximo compartilham uma série de temas, como Cosmogonias, Teomaquias, mitos de heróis e destruição da humanidade pelos deuses. Mostramos, ao longo da escrita desse trabalho, que qualquer sistema mitológico inclui uma cosmogonia, uma história da criação. Para os Gregos, a *Teogonia* é um processo complexo que inclui numerosas gerações de deuses usurpando o poder uns dos outros, mas que, no entanto, pode-se traçar uma genealogia das fontes que o poeta usou para compor sua história de criação, um exercício que nos leva a explorar muitos esquemas de mitos no mundo antigo.

Além das correlações existentes nas narrativas, existe um bom número de correlações linguísticas. Isso inclui epítetos, nomes e palavras emprestadas que de outra forma não existiriam na linguagem grega. Essas palavras que os gregos tomaram emprestado, mostram evidências do comércio que foi mantido entre gregos e povos do Oriente Próximo. Eles ajustaram as formas das palavras para se adequarem à sua própria linguagem e incluíram muitos elementos originais de sua própria cultura, inovações estilísticas e conceitos abstratos.

Foi também necessário reavaliar a nossa abordagem de tomar o Oriente Próximo como uma homogeneidade, em vez disso optou-se por sempre, quando possível referenciar a cultura ou sociedade a qual estamos fazendo as comparações (Gregos x Babilônios e Acadianos, Sumérios, Sírios- Cananeus de Ugarit e etc.). Acreditamos que o método de comparação do Paralelo com o Oriente Próximo se torna mais exato e rico com essa abordagem.

Analisamos algumas importantes contribuições de autores sobre o exercício de comparação entre essas sociedades, sendo extremamente proveitoso o comentário de Johannes Halbold acerca de se analisar os poemas épicos do Oriente Próximo dentro de um contexto muito maior de textos literários, para assim traçar paralelos mais profundos com a tradição grega, que, parece ser melhor entendida da mesma forma, quando comparamos toda a tradição homérica e hesiódica como um todo.

Além disso, traçamos uma comparação entre os dois mais importantes relatos de criação analisados na pesquisa, a *Teogonia* e o *Enuma Elish*, a fim de encontrar semelhanças, mas também particularidades da poesia hesiódica e o que ela trouxe de inovador.

Procuramos, portanto, ao longo deste trabalho, explicar como se deu a influência exercida pelos povos do Antigo Oriente Próximo, principalmente no que se refere às suas ideias de Cosmogonia e Narrativas sobre as origens. Analisamos, principalmente, a relação entre Babilônia e povos da Grécia Antiga e alguns paralelos entre as narrativas míticas dessas sociedades, que se constituem como evidência de que os poemas épicos gregos, “tomaram emprestado” muitos elementos de fora de seu território.

Durante a pesquisa e posterior escrita deste trabalho conseguimos adquirir um conhecimento melhor do contexto histórico em que essas sociedades estavam inseridas. Mais uma vez, o monumental estudo de Martin West, *The East Face of Helicon* foi de fundamental importância para a pesquisa, pois ele elenca uma quantidade bastante significativa de paralelos, que de certa forma, nos fazem perceber, que as semelhanças não são meras coincidências, mas sim, que se baseiam em influências históricas.

A questão do paralelo com o Oriente Próximo nos ajuda a compreender que os gregos não tinham uma sólida e estabelecida identidade nacional, uma que os distingue das prolíficas sociedades do Mediterrâneo Oriental. Através do comércio com o Oriente, os antigos gregos puderam definir sua própria sociedade e cultura, tanto política quanto artisticamente e religiosamente. A introdução do alfabeto fenício não somente abriu caminho para o renascimento da literatura, mas também para influências culturais que enriqueceram sua mitologia.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1-2.

ENUMA ELISH: O Épico da Criação. Tradução de L.W. King. (Retiradas das Sete Tábuas de Criação, Londres 1902)

HESÍODO. Os Trabalhos e os Dias. Tradução, Introdução e Comentários de Mary Camargo Neves Lafer. – 2 ed. - São Paulo: Iluminuras, 2019.

HESÍODO. Teogonia: A Origem dos deuses. Tradução e Estudo de Jaa Torrano. – 1 ed. – São Paulo: Iluminuras, 1991.

HOMERO. Ilíada. Penguin Classics. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOMERO. Odisseia. Penguin Classics. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

UNNÍNNI, S.L. Epopeia de Gilgámesh: Ele que o Abismo Viu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

ESTUDOS

ALVARENGA, M. Z. Mitologia Simbólica: Estruturas da psique e regências míticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BELLAH, Robert N. Religious Evolution. American Sociological Review, Vol. 29, No. 3 (jun., 1964), p. 358-374.

BOTTÉRO, Jean. No começo eram os deuses. Civilização brasileira, 2011.

BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia: História de deuses e heróis. Rio de Janeiro. Ediouro, 26 ed., 2002.

BURKERT, Walter. The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age. USA: Harvard University Press, 1992.

BURKERT, Walter. Mito e Mitologia. Edições 70, LDA. Rio de Janeiro: edições 70, Perspectivas do Homem. Vol 40.

BURKERT, Walter. **The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age.** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus: Mitologia Oriental.** São Paulo: Palas Athena, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces.** São Paulo: Pensamento, 2017.

DETIENNE, Marcel. **A invenção da Mitologia.** Rio de Janeiro: José Olympio Ed, 1992.

FELDMAN, Louis H. **Homer and the Near East: The Rise of the Greek Genius.** The Biblical Archaeologist, Vol. 59, No. 1 (Mar., 1996), p. 13-21.

FINLEY, Moses. **O mundo de Ulisses.** Lisboa: Editorial Presença, /s.d./23

FRANZ, Marie. L.V. **Mitos de Criação.** – 2 ed. – São Paulo: Paulus, 2011.

FITZGERALD, John T. **Cosmologies of the Ancient Mediterranean World.** In die Skriflig/ In Luce Verbi 47(2), 2013, p. 1-7.

GRIMAL, Pierre. **Mitologia Grega: Uma breve Introdução.** Porto Alegre: L & PM, 2019.

GROPPO, L. A; RODRIGUES, M. H. **Uma compreensão dos estudos de Joseph Campbell em Mitologia Comparada.** Universitas Humanas, Brasília, v. 9, n 2, p. 55-61, jul/dez. 2012.

HALBOLD, Johannes. **Greek Epic: A Near Eastern Genre?** Proceedings of the Cambridge Philological Society, 2002, volume 40, p. 1-19.

JAEGER, Werner. **Paideia: A Formação do homem grego.** – 6 ed– São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 36-105.

KAESSNER, John. **Divine Commerce: Near Eastern Influence on Greek Mythology.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/49450828/Divine-Commerce-Near-Eastern-Influence-on-Greek-Mythology-John-Kaessner>> Acesso em: 24 de janeiro de 2019.

KENÉNYI, K. **Prolegomeni allo studio scientifico della mitologia.** Torino: Boringhieri, 1983, p. 15-17.

- KIRK, G.S. **Greek Mythology**: Some New Perspectives. *Journal of Hellenic Studies*, 1972, volume 92, p.74-85.
- KRAMER, Samuel Noah. **Mesopotâmia**: O Berço da Civilização. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.
- KRAMER, S.N. **Sumerian Mythology**: A study of spiritual and literary Achievement in the third Millennium B.C. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1961.
- KRIWACZEK, Paul. **Babilônia**: A Mesopotâmia e o Nascimento da Civilização. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LIVERANI, Mario. **Antigo Oriente**: História, Sociedade, Economia. – 1. ed. 1 reimp. – São Paulo: Edusp, 2020.
- LIVERANI, Mario. Historical Overview. In: SNELL, Daniel (org.). **A Companion to the Ancient Near East**. Blackwell, 2005, p. 3-19.
- LOPES, K. M. L. **Os antecedentes da arqueologia científica europeia**. *Revista Espaço Acadêmico*. n. 188. janeiro/2017, p. 47-58.
- LÓPEZ-RUÍZ, Carolina. Greek and Near Eastern Mythologies: A story of Mediterranean Encounters. In: EDMUNDS, Lowell(org). **Approaches to Greek Myth**. – 2 ed. – Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2014, p. 152-191.
- LOPÉZ-RUÍZ, Carolina. **How to start a Cosmogony**: On the Poetics of Beginnings in Greece and the Near East. *Journal of Ancient Near Eastern Religions*. v.12, 2012, p. 30–48.
- MARK, Joshua. **The Atrahasis Epic**: The Great Flood and the meaning of suffering.
- MARK, Joshua. J. **The Babylonian Epic of Creation**.
- MICHAUX, Gil. **Gilgamesh and Homer**: a comparative study of motif sets, distinctions and similarities. Universidade Católica Portuguesa, 2003, p. 9-25.
- NAQUET, Pierre Vidal. **O Mundo de Homero**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- NOEGEL, Scott B. **Greek Religion and the Ancient Near East**. The Blackwell Companion to Greek Religion. London: Blackwell, 2006.

PENGLASE, Charles. **Greek Myths and Mesopotamia: Parallels and Influence in the Homeric Hymns and Hesiod.** Nova York: Routledge, 1994.

PINSKY, Jaime. **As Primeiras Civilizações.** – 25. ed., 5 reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

QUERBACH, Carl W. **Hesiod's Myth of four Races.** The Classical Journal, Vol. 81, No. 1 (Oct. – nov. 1985), p. 1-12.

RÖLLIG, Wolfgang. **Myths about the Netherworld in the Ancient Near East and their counterparts in the Greek Religion.** Originalveröffentlichung in: S. Ribichini - M. Rocchi - P. Xella (Hg.), La questione delle influenze vicino-orientali sulla religione greca. Roma, 2001, p. 307-314.

RUTHVEN, K.K. **O Mito.** Tradução de Esther Eva Hotivitz. – São Paulo: Perspectiva, 2010.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** – 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Marco P. N. **O Conceito de Morte para o homem mesopotâmico na Epopeia de Gilgamesh.** Revista de Ciências Humanas, v. 48, p. 108-123, abr. 2014.

TAMITIK, Svetlana. **Enuma Elish: The Origins of Its Creation.** Studia Antiqua. v. 5, no 1, 2007. p. 65-76.

TANNER, Kathryn. **The Greeks, the Near East, and Art during the Orientalizing Period.** Nebraska Anthropologist. n 188, 2013, p. 23-34.

TAVARES, A. Augusto. **A Criação do homem nos Mitos das origens.** Didaskalia. Vol. VIII, 1978, p. 35-54.

TORRANO, Jaa. **A Noção Mítica de Kháos na Teogonia.** Ide (São Paulo). vol. 35, n. 54. São Paulo, 2012, p. 29-38.

VERNANT, J.P. **Mito e Religião na Grécia Antiga.** São Paulo: Martins fontes, 2009.

VERNANT, J.P. **O Universo, os deuses, os homens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WALCOT, Peter. **Hesiod and the Near East.** Cardiff: University of Wales Press. 1966, p.150-152.

WEST, Martin. **The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth.** New York: Oxford University Press, 2003.